

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**LARISSA PEREIRA BURCHARD**

**LEITMOTIV: OLHARES SOBRE O JORNALISMO CULTURAL  
UMA NARRATIVA TRANSMÍDIA DE NÃO-FICÇÃO**

**São Borja  
2018**

**LARISSA PEREIRA BURCHARD**

**LEITMOTIV: OLHARES SOBRE O JORNALISMO CULTURAL  
UMA NARRATIVA TRANSMÍDIA DE NÃO-FICÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao  
Curso de Jornalismo da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial para obtenção do  
Título de Bacharel em Jornalismo

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Sara Alves Feitosa

**São Borja  
2018**

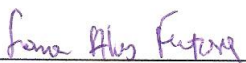
**LARISSA PEREIRA BURCHARD**

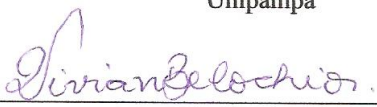
**LEITMOTIV: OLHARES SOBRE O JORNALISMO CULTURAL  
UMA NARRATIVA TRANSMÍDIA DE NÃO-FICÇÃO**

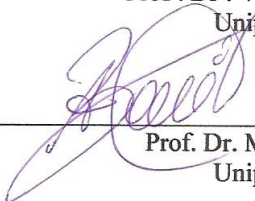
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Jornalismo da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial para obtenção do  
Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 7/12/2018.

Banca examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Sara Alves Feitosa  
Orientadora  
Unipampa

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Vivian Belochio  
Unipampa

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marco Bonito  
Unipampa

## AGRADECIMENTO

Esse trabalho de conclusão de curso é um caso de amor.

Os jornalistas às vezes agem por intuição e exatamente por isso esse TCC é um caso de amor. Feito a sangue frio. No olho da rua. Nos sertões. Em São Borja. Com todos os homens do presidente, estes que foram base para concluir este projeto. Começo por agradecer a todos os jornalistas que vieram antes, porque cada frase que escreveram fez com que este caso seja real e não apenas um conto – apesar de querer muito a literatura nesse trabalho. Por isso, esses agradecimentos são feitos com a mesma emoção que seguiu cada letra deste caso.

Acredito nas virtudes, nas ficções e nos besouros. As virtudes porque são reais e motivam. As ficções porque, bem, fiz jornalismo e não posso estar sã todo dia, preciso de um pouco de utopia e imaginação. Agora os besouros são quase profanos – Poe confirma isso – pois quando virados de barriga passam desespero, mas em sua perfeita condição se atiram para a luz e alcançam a vida eterna antes mesmo de nós, os humanos e cidadãos de bem. Herdei a crença nas virtudes e no ser humano da minha mãe Rosane, professora que vive toda sua vida acreditando que um estudante negro da periferia pode ser muito mais que um número na estatística de violência. Logo ela que nunca foi muito fã de ficção acabou tendo uma filha jornalista, metida a escritora e viajante tridimensional em sonhos – esse último é apenas nas horas vagas, quase um hobby.

O segundo é pelo sangue revolucionário de um Prestes que veio a ser meu pai, João Paulo. Ele vê o mundo como um cronista, cada detalhe desde a água aquecida até a música no rádio retrô, para ele um fascínio pela vida e pela arte é sempre bem-vindo. Agora a crença nos besouros, que são profanos, vem da minha irmã Camila que no ápice de suas loucuras de bióloga caçava besouros. Ela me ensinou a viver e aproveitar a vida. Como os besouros que vivem intensamente e que invés de caçarmos eles, deveríamos considerar viver mais como eles. Não de barriga pra cima se jogando – não literalmente, eles são meio suicidas - naquilo que queremos.

Esse TCC é um caso de amor porque longe das crônicas, das virtudes e dos besouros, a vida pode parecer um pouco trágica. Por isso podemos ser trágicos com outros indivíduos que amenizam isso. No meu caso contei com meu fiel escudeiro para troca de figurinhas e café com açúcar mascavo Gregório. Foram quatro anos de ideias sem sentido algum, mas carregadas de razão. Afinal, ninguém faz viagens tridimensionais sozinho. Louise que acredita em sereias de água doce e gosta de abraçar fortemente os gatos – eles não gostam tanto -, ela já me colocou na linha tantas vezes que nem lembro quantas panquecas estou devendo. Nesse mundo retribuímos com comida,

realmente espero ler isso daqui dez anos e ainda continuar esse costume. Dedico essas palavras também para a Viviane que há 15 anos aguenta todas as romantizações desnecessárias que faço da vida e ouve com toda a paciência os meus monólogos sobre a academia e suas teorias dentro da minha mente inconstante onde tudo faz sentido. Agradeço também ao meu irmão mais velho emprestado, Marcos William, por todas as caronas para os 15km infinitos do centro à Unipampa.

Esse TCC é um caso de amor e é dedicado para a Renata e todos os textos que esqueci de enviar. Minha única leitora fiel e companheira de guerrilha sem a qual não sei como viveria. Todos os caminhos levam a minha melhor amiga que adora musicais e acredita na humanidade. Ela que junto com outras duas pessoas – aos quais o mundo deve agradecer a existência – Walter e Kellen se tornaram especialistas em fazer imagens de apoio e montar tripés.

Àquele que está sempre ao lado de qualquer xícara de café e doce de leite também dedico estas palavras que são muito mais que agradecimentos e sim um registro de tudo o que envolve a construção de um conhecimento e ele entende muito bem disso. Gerson de Lima Oliveira, o cinegrafista que nas horas vagas escuta Pink Floyd no sofá e que não resiste a qualquer comida que contenha açúcar, se preferível escutando um programa de futebol ao fundo. Obrigada por estar comigo até mesmo quando eu digo que acredito fielmente na ficção, nas virtudes e em besouros de barriga para cima.

Acredito em muito mais princípios do que esses três fatores que citei sem nexo nenhum. Eu acredito também que algumas pessoas simplesmente chegam na nossa vida para mudar nossa visão de mundo. Sou grata por ter tido a orientação da Sara nessa trajetória, pois foi ela que acreditou e encarou a ideia de fazer uma narrativa transmídia de jornalismo em três plataformas entrevistando nove jornalistas. Ser professor é muito mais que orientar e ensinar, ser professor exige que você acredite nas pessoas e que elas podem mudar para melhor. Isso é difícil. Por isso, obrigada Sara, por me ajudar a crescer e ser o exemplo de uma mulher forte que muda o mundo.

Eu poderia escrever mais sobre cada pessoa que fez parte desses quatro anos, nada fáceis, da graduação em jornalismo, mas com isso os agradecimentos teriam bem mais que duas páginas. Por último, agradeço a você que lerá esse trabalho, espero que, assim como eu, acredite no jornalismo mesmo que ele possa decepcionar em alguns momentos. Fazer jornalismo também é ser um pouco utópico e entusiasta pois cada reportagem é uma realidade pronta para ser desmascarada, no bom e no mau sentido. Um pouco de entusiasmo e crença em utopias é um modo de resistência. Por isso e todas as palavras, esse trabalho de conclusão de curso é um caso de amor.

## RESUMO

O projeto experimental “Leitmotiv: Olhares sobre o jornalismo cultural” compreende a produção de uma narrativa jornalística transmídia sobre jornalismo cultural de cinema e literatura. O objetivo do trabalho é inovar, do ponto de vista do modo de construção de narrativa, na área de jornalismo cultural, e refletir sobre o consumo e produção nessa área. Envolve discussões, reflexões sobre o contexto atual do jornalismo cultural e do jornalista da área através de entrevistas com profissionais que trabalham nessa editoria, focando nos temas de cinema e literatura. O contexto considerado é o da cultura da convergência, a partir de Jenkins (2006), e, da narrativa transmídia, a partir de Scolari (2013). A narrativa foi composta em três plataformas com uma websérie de três websódios no *YouTube*; dois podcasts no *Soundcloud*; e três artigos de opinião no *Medium*, utilizando da produção audiovisual multiplataforma, multimídia e multilinguagem para construir o projeto. Utiliza-se de metodologia aplicada de técnicas de produção jornalística e de pesquisa exploratória e bibliográfica. Utilizando de autores como Daniel Piza (2004) e Frantjesco Ballerini (2015), este trabalho questiona sobre a prática da produção do jornalismo cultural contemporâneo em relação às reportagens, matérias e críticas que muitas vezes focam apenas em agendas culturais e filmes hollywoodianos. Também trata sobre a atuação dos *booktubers* como uma atividade alternativa para o profissional de jornalismo.

Palavras-chave: jornalismo cultural; narrativa transmídia; cinema; literatura; *booktubers*.

## **ABSTRACT**

The experimental project “Leitmotiv: Olhares sobre o jornalismo cultural” presents a journalistic transmedia storytelling about cultural journalism of cinema and literature. The project’s idea is innovate the cultural journalism and question about the uses and the practices in this area. This search involves discussions and reflections about the actual moment of cultural journalism bringing interviews with cultural journalists who work with subjects like movies and literature. The moment considered in the Project is the Convergence Culture from Henry Jenkins (2006) and the Transmedia Storytelling from Scolari (2013). The storytelling are multiplatform with three products: a three-episode webserie on YouTube, two podcast on Soundcloud and three articles on Medium. The products are multiplataforma, multimedia and multi-language. With the authors Daniel Piza (2004) and Frantjesco Ballerini (2015), this final project wonder about cultural journalism’s contemporary practices in the reports, articles and reviews that in the most of the time are about cultural events and Hollywood movies. In addition, it shows about the booktubers as an alternative work for journalists.

Keywords: cultural journalism; transmedia storytelling; movies; literature; booktubers.

## LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Logo marca do projeto Leitmotiv: Olhares sobre o jornalismo cultural .....	28
Imagem 2: Entrevista com Cláudia Laitano em Porto Alegre, maio de 2018 .....	29
Imagem 3: <i>printscreen</i> da entrevista com Cláudia Laitano em primeiro plano .....	29
Imagem 4: Entrevista com Rafael Gloria em junho de 2018 .....	30
Imagem 5: Rafael em meio primeiro plano .....	30
Imagem 6: Entrevista com Luiz Gonzaga Lopes em junho de 2018.....	31
Imagem 7: Luiz Gonzaga Lopes em primeiro plano .....	31
Imagem 8: Registro da entrevista por Skype com Rogério Pereira.....	32
Imagem 9: entrevista por Skype com Yuri Al’Hanati.....	32
Imagem 10: Entrevista com Roger Lerina em Porto Alegre .....	33
Imagem 11: Gravação com Roger Lerina em meio primeiro plano .....	33
Imagem 12: Fotografia da produção do podcast em Santa Maria .....	34
Imagem 13: GC utilizado na websérie .....	38
Imagem 14: Título do websódio 1 .....	38
Imagem 15: Título websódio 2.....	39
Imagem 16: Título websódio 3.....	40
Imagem 17: Card para o Facebook primeiro texto .....	42
Imagem 18: Card para o Facebook segundo texto .....	42
Imagem 19: Card para o Facebook último texto .....	42
Imagem 20: número de visualizações nos websódio <i>printscreen</i> feito do dia 22 de novembro ...	43
Imagem 21: número de reproduções no podcast “Jornalismo cultural: cultura ou glamour?” <i>printscreen</i> feito no dia 22 de novembro.....	43
Imagem 22: número de seguidores no Medium do projeto <i>printscreen</i> dia 22 de novembro.....	44
Imagem 23: número de interações na página do Facebook do projeto <i>printscreen</i> dia 22 de novembro .....	44



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. OBJETIVO .....</b>	<b>10</b>
<b>3.1 Objetivos geral .....</b>	<b>10</b>
<b>3.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>11</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>11</b>
<b>4. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>14</b>
<b>4.1 Jornalismo cultural .....</b>	<b>14</b>
<b>4.2 Contexto da convergência .....</b>	<b>15</b>
<b>4.2.1 Narrativa transmídia e jornalismo cultural.....</b>	<b>16</b>
<b>4.3 Literatura, cinema e comunicação .....</b>	<b>17</b>
<b>5. METODOLOGIA APLICADA .....</b>	<b>18</b>
<b>6. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....</b>	<b>19</b>
<b>6.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>6.1.1 Websérie .....</b>	<b>19</b>
<b>6.1.2 Podcast.....</b>	<b>24</b>
<b>6.1.3 Medium.....</b>	<b>27</b>
<b>6.1.4 Identidade visual e redes sociais.....</b>	<b>27</b>
<b>6. 2 PRODUÇÃO .....</b>	<b>28</b>
<b>6.2.1 Websérie .....</b>	<b>28</b>
<b>6.2.2 Podcast.....</b>	<b>34</b>
<b>6.2.3 Medium.....</b>	<b>35</b>
<b>6.3 PÓS-PRODUÇÃO .....</b>	<b>36</b>
<b>6.3.1 Websérie .....</b>	<b>36</b>
<b>6.3.2 Podcast.....</b>	<b>40</b>
<b>6.3.3 Medium.....</b>	<b>41</b>
<b>7. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO .....</b>	<b>44</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>56</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O projeto experimental “Leitmotiv: olhares sobre o jornalismo cultural” tem a intenção de inovar a produção na área de jornalismo cultural utilizando de uma narrativa jornalística transmídia. Como explica Lovato (2015), no campo jornalístico, a narrativa transmídia se constitui como um modo de aproveitar os recursos e as possibilidades da comunicação atual. Dentre as possibilidades, o projeto experimenta uma narrativa transmídia em três plataformas: o *YouTube*, o *Soundcloud* e o *Medium*, nos quais foram produzidos, respectivamente, uma websérie<sup>1</sup>, dois podcasts<sup>2</sup> e três artigos de opinião<sup>3</sup>.

Ao pensar o jornalismo cultural nessas possibilidades, pretende-se fazer diferente do que se observa nas produções dessa editoria. A abundância de apego às agendas culturais, resenhas e conteúdos pautados pela indústria cultural, no sentido cunhado por Adorno e Horkheimer (2006), a falta de crítica e de matérias aprofundadas foram problemas registrados por autores como Daniel Piza (2004) e Frantjesco Ballerini (2015). Além disso, no contexto da cultura da convergência, segundo Jenkins (2006), produtores e consumidores interagem juntos, coletivamente. Desse modo, a emergência de cidadão-produtores acrescentou ao jornalismo um público mais exigente e, ao mesmo tempo, uma nova concorrência. Temos, assim, um novo papel do jornalista e do jornalismo, principalmente na área da cultura.

Através desses contextos questiona-se: O que têm se produzido na área? Como o jornalista poderia se apropriar desse novo contexto, com oportunidade de inovação e de experiências? Quais narrativas transmidiáticas possíveis no jornalismo? Assim, o projeto entrevistou jornalistas da área de jornalismo cultural que refletiram sobre essas questões. Com as múltiplas plataformas, o projeto traz as diversas opiniões e olhares desses profissionais que vivem diariamente a cobertura nessa editoria e podem falar com experiência sobre seus desafios e dificuldades.

## 2. OBJETIVO

### 3.1 Objetivos geral

Realizar uma produção transmidiática em jornalismo cultural.

---

<sup>1</sup> A websérie pode ser conferida no link: <https://www.youtube.com/channel/UC3ytafKHPu5EbXAJpogXeCg>

<sup>2</sup> Os dois podcasts estão publicados no perfil do projeto no SoundCloud: <https://soundcloud.com/leit-motiv-214801782>

<sup>3</sup> Os textos podem ser lidos no site: <https://medium.com/@leitmotivjornalismo/>

### 3.2 Objetivos específicos

- Identificar potencialidades da narrativa transmidiática para a área de jornalismo cultural;
- Caracterizar um panorama da área de jornalismo cultural de literatura e cinema no Rio Grande do Sul;
- Refletir sobre as produções e práticas do jornalismo cultural na cultura da convergência;
- Produzir uma websérie na plataforma *YouTube* com linguagem documental, uma série de podcasts no *Soundcloud* e matérias no *Medium*;
- Ter a participação do público na narrativa.

### 3. JUSTIFICATIVA

Toda a área de comunicação passou – e ainda passa – a grande transformação da cultura da convergência. Como dito por Henry Jenkins (2006), a cultura da convergência apresenta um fluxo de conteúdos em diversas plataformas, um perfil de consumidor que vai em busca do seu entretenimento e uma cooperação entre múltiplos mercados. No jornalismo, a convergência afetou a instituição jornalística, seu modelo de negócio e sustentabilidade, modo de produção, a atuação profissional e o produto. Especificamente neste trabalho, a convergência chega ao jornalismo cultural.

O presente trabalho foca na convergência jornalística na área do jornalismo cultural, como era antes e como se pratica hoje, suas possibilidades neste contexto. Um contexto de convergência jornalística que, em um mercado caracterizado pela Cauda Longa (ANDERSON, 2006), traz um público de diversos e pequenos nichos. O projeto entende a cultura da convergência como um processo que está sempre em movimento (JENKINS, 2006) e também percebe que as críticas e discussões relacionadas ao jornalismo cultural na internet são feitas desde o início dos anos 2000. Com um público cada vez mais diverso e que agora também produz conteúdo na internet, o jornalismo passa a ter de encarar um novo consumidor, ou melhor, novos consumidores, além da necessidade de sua sobrevivência em um mercado mutável.

Dessas discussões surgem as análises sobre a atual superficialidade dos conteúdos do jornalismo cultural e da ausência do seu olhar crítico sobre indústria cultural, o que faz com que o caderno de jornalismo cultural baseie-se no entretenimento e na agenda. Como explica Ballerini (2015), a estrutura do jornalismo cultural nas últimas décadas é produzida através da antecipação de agendas, sendo difícil encontrar cadernos que fujam do sistema de lançamentos. Com esse fato

e o potencial da *web*, o projeto oferece um produto transmidiático com uma linguagem jornalístico/documental que trata sobre as práticas jornalísticas na área da cultura e também que traga uma narrativa inovadora para produções na área.

O projeto investiga e reflete criticamente sobre a produção na área de jornalismo cultural, tanto no jornalismo de referência (ZAMIN, 2014) quanto no alternativo (PERUZZO, 2009). A área de enfoque é a literatura e, conseqüentemente, o cinema. Dessas áreas, foram escolhidos jornalistas experientes que produzem conteúdos de jornalismo cultural na *web* e que utilizem da multimídia e multiplataforma, ou seja, diferentes formatos de mídia nos conteúdos distribuídos em diversas plataformas.

O nome dado ao projeto *Leitmotiv* refere-se a técnica de escrita literária que consiste em um tema, um motivo, uma situação que conduz a narrativa. É um recurso usado para estruturação do que se propõe com a obra pois vincula uma cena a outra; em novelas cômicas é utilizado para colocar o personagem dentro de uma ação; e também tem uma função de identificação, algo que precisa ser repetido, pois traz um significado para a narrativa ou para algum personagem (ROVERE, 1978). A técnica surgiu, originalmente, na música clássica com Richard Wagner e aos poucos foi levada para outras áreas como o teatro, a literatura e o cinema. A relação que se faz dessa técnica com o projeto é que uma das características da narrativa transmídia é a continuidade nas diversas plataformas e a multiplicidade de personagens e mundos, segundo Jenkins (2006), citado por Scolari (2013). Em jornalismo, essa continuidade pode se dar pela repetição de personagens, questões ou assuntos, de maneira que as produções sejam independentes, cada um tem a sua particularidade, mas elas fazem parte do mesmo mundo, mesma matéria, ligada através da pauta, formando assim uma multiplicidade. Além disso, o fato da técnica *leitmotiv* fazer parte das artes liga-se ao assunto de jornalismo cultural, esse que vincula as produções do projeto.

A escolha da websérie e do podcast se deu por ambos serem nativos da *web*. A websérie documental nasceu desse contexto de convergência. Derivada do webdocumentário, do documentário para TV e cinema, a websérie possui características próprias como diferença de tempo, sua disponibilidade e circulação – na maioria das vezes feita no *YouTube* (SOUZA; CAJAZEIRA, 2015). Com uma maior liberdade de produção, a websérie foi escolhida como produto matriz do projeto, sendo ainda pouco utilizada pelo jornalismo e muito conhecida pelos internautas. A websérie por estar disponível na internet, também proporciona uma maior

interatividade com o público. Sendo um dos objetivos específicos ter a colaboração do público com o trabalho.

A websérie tem três episódios de até 15 minutos, voltados para discussões das práticas e produções do jornalismo cultural. Os episódios foram produzidos para serem independentes, de forma que o público pudesse vê-los separadamente e tivesse informações e conteúdos completos. Porém, o conjunto dos três episódios também se complementam, pois envolvem áreas de uma produção maior, o Jornalismo cultural. Os episódios têm linguagem documental e com fala dos profissionais do jornalismo de referência, do alternativo e *youtubers*.

O podcast surge como uma mídia própria da cibercultura (LUIZ; DE ASSIS, 2009) que surgiu como um áudio de fácil acesso, atemporal e com possibilidade *download* na web. Segundo Silva e Teixeira (2010), O nome “Podcast” é a junção de dois termos: *Ipod*, aparelho que reproduz músicas e arquivos de áudio desenvolvido pela *Apple*, e *Broadcast* que é a emissão radiofônica. A concretização do Podcast se deu em 2004 com o antigo apresentador do canal televisivo MTV Adam Curry e o programador Dave Winer, eles criaram um software que permitia a transmissão de áudio do rádio para a internet através do *Ipod* (SILVA; TEIXEIRA, 2010). Assim, as publicações desses arquivos de áudio de forma digital se tornaram possíveis. Desse modo, apesar da sua semelhança com os produtos radiofônicos o podcast se diferencia tanto em seu modo de produção como de circulação. Também com praticidade, fácil acesso e maior liberdade de produção, o podcast não é uma mídia de massa, portanto, é produzido para nichos, como propõe a Cauda Longa de conteúdos.

O podcast tem dois episódios, o primeiro discutindo questões sobre a cobertura das editorias de cultura e o segundo com conteúdo no formato de guia sobre jornalismo cultural. Com as investigações sobre as narrativas jornalísticas e suas novas produções o podcast de reportagem traz um enfoque nas referências de jornalismo cultural recomendadas pelos profissionais entrevistados para a websérie. Busca-se, assim, fazer um serviço público para os consumidores dessa área de jornalismo e também valorizar os trabalhos das iniciativas em jornalismo cultural como as produções do suplemento literário Pernambuco e a revista Cult.

O *Medium* é uma plataforma feita para artigos, matérias, reportagens e outros produtos que oferece a oportunidade de compartilhamento entre seguidores e outros suportes. Muitos jornais utilizam do site para compartilhar textos e análises sobre determinado fato. Para a área de jornalismo cultural, a plataforma se tornou um meio de produzir resenhas sobre livros e filmes com

possibilidade de compartilhamento. O *Medium* também possui a ferramenta multimídia, assim podem ser construídas várias portas de entrada para os outros produtos, o podcast e a websérie. No projeto, o *Medium* tem três artigos de opiniões produzidos pela realizadora do projeto nos quais escreve suas visões e reflexões durante a produção. Além disso, essa plataforma é utilizada como mídia de encontro entre as outras plataformas, sendo local também de colaboração do público.

#### **4. REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico do trabalho está dividido em três tópicos, um subdividido, de maneira didática e objetiva. Todos os elementos do referencial se articulam juntos para dar o suporte teórico e auxiliar na elaboração do produto em três plataformas.

##### **4.1 Jornalismo cultural**

Diante de uma crise no jornalismo, a área de cultura também enfrenta grandes desafios. O caderno que fora criado como um espaço para se falar das artes, em geral, e para prática de crítica passa por transformações. Em momentos assim o caderno de cultura é o primeiro a receber cortes e por vezes é fechado como aconteceu com o “Prosa&Verso”, do jornal o Globo. Não apenas o jornalismo cultural, mas todas as áreas são afetadas pelo processo de convergência de formatos, mídias e plataformas. Ainda que o jornalismo cultural esteja em constante mudança, algumas perdas aconteceram nesse caminho e a mudança de comportamento do público de jornais traz novas perspectivas para a área.

De acordo com o jornalista José Geraldo Couto, citado por Assis (2008), a imprensa brasileira passou por uma crise que envolve diversos problemas, entre eles está o espaço destinado a roteiros, programações culturais e agendas, sem levar em conta a produção de reportagens. A produção e realização de eventos, sem a necessidade de grandes reportagens é um dos principais assuntos dos cadernos culturais, segundo o relatório do Itaú Cultura. A pesquisa analisou as capas dos principais jornais do país no período de 2011 a 2013, as pautas ancoradas em agendas culturais correspondem a 46,7% das capas, especificamente no sul a porcentagem chegou a 61,8%.

Segundo o autor Frantjesco Ballerini (2015), o jornalismo cultural no século XXI passa por obstáculos. Por exemplo, na área da literatura, a diminuição do espaço e o corte de cadernos são os motivos mais comentados, mas a convergência trouxe outros desafios. As razões que Ballerini (2015) cita para esses obstáculos são: a era da interação audiovisual, na qual a palavra

escrita não é tão atrativa para o público; a disputa de espaço com outras informações como de celebridades, *blockbusters* e shows; e a demora e exigência da produção de jornalismo cultural literário (BALLERINI, 2015). No setor de cinema, as qualidades são evidentes, há espaço e interesse do público, mas Ballerini (2015) cita desvantagens da área como a preferência por filmes Hollywoodianos em detrimento de filmes nacionais e de outros países, a importância que se dá aos grandes atores e atrizes, o que traz o setor para um viés de entretenimento (BALLERINI, 2015). Essas situações descritas pelo autor influenciam no modo como o jornalista cultural irá produzir e como essa informação irá repercutir na sociedade.

#### **4.2 Contexto da convergência**

As discussões que envolvem o jornalismo cultural passam por todos os setores desde a produção até o produto final, porém as mesmas acontecem em torno de um contexto específico: a Cultura da Convergência. O que Jenkins escreveu em 2006 referia-se ao processo pelo qual a indústria cultural do entretenimento presenciava com um mercado cada vez mais múltiplo, os conteúdos em diversas plataformas e um comportamento diferenciado do público diante da busca por entretenimento (JENKINS, 2006).

Logo depois, a convergência atingiu a área de comunicação e as redações jornalísticas sentiram esse impacto. Como explicado por Suzana Barbosa (2009), a convergência no jornalismo se caracteriza pela integração das redações de meios distintos, sua reorganização, a produção multiplataforma e em ciclo contínuo (BARBOSA, 2009). Outro detalhe interessante para este projeto é uma das quatro dimensões da convergência (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008) – tecnológica, editorial/conteúdos, profissional e empresarial –, a dimensão profissional. Essa dimensão diz respeito ao jornalista polivalente que elabora conteúdos e produtos para mais de um meio com uma distribuição multiplataforma (BARBOSA, 2009).

Além disso, o contexto da cultura da convergência traz estratégias de narrativas transmídia para o jornalismo com as franquias jornalísticas que criam uma marca. Segundo Belochio, Barichello e Arruda (2016), as franquias jornalísticas ocorrem quando há a distribuição multiplataforma de conteúdos jornalísticos pelos meios de comunicação que produzem matérias distintas, porém complementares. No caso este projeto se constitui como uma franquia jornalística com a marca “Leitmotiv: olhares sobre o jornalismo cultural”.

A Cauda Longa conceituada por Chris Anderson (2006) também relaciona-se nesse cenário como um fator determinante nos mercados. A ideia consiste em que a economia passa por uma

abundância no mercado, no qual se destaca os pequenos nichos formados pela “cauda longa”. Enquanto poucos produtos chegam ao sucesso, existem pequenos nichos de consumo que se mantêm constantes, assim o conteúdo se torna disponível para todos (ANDERSON, 2006).

Por conseguinte, a autora Lila Luchessi (2015) nos apresenta um fator importante para entender a narrativa transmídia para o jornalismo com o consumidor que também é produtor. A audiência é cada vez mais participativa no processo de produção de conteúdo e utiliza de seus próprios critérios e temas para gerar conteúdo, acabando por competir com os agentes de informação (LUCHESSI, 2015). Esse fator representa uma situação que pode fazer com que o jornalista perca seu espaço.

#### **4.2.1 Narrativa transmídia e jornalismo cultural**

Com esse contexto, um estilo de narrativa começa a se destacar tanto na indústria do entretenimento, como no jornalismo. A narrativa transmidiática aborda uma história que se desenrola em múltiplas plataformas de maneira que todos os meios envolvidos conseguem ser autônomos e complementares e, ao mesmo tempo, consegue atrair diferentes públicos (JENKINS, 2006). E na Cauda Longa da informação, como Belochio (2009) explica, a lógica é a mesma: o que antes era dominado pelas grandes mídias de massa hoje o ambiente é ilimitado e dá espaço a produções diversas. Desse modo, a narrativa transmidiática junto aos diferentes nichos oferece outras alternativas de mercado e de produtos para o jornalismo cultural.

A produção transmídia vista pelo lado audiovisual é estudada pela Cátedra Latinoamericana de Narrativas Transmedia, da Universidade Nacional de Rosário (UNR-ICLA), na Argentina, neste trabalho a autora Anahí Lovato (2015) é utilizada para trabalhar a produção transmídia de não ficção com linguagem documental. Na narrativa transmídia o mais importante é a história, na produção é necessário se atentar aos detalhes, logo pensar nos meios que irão compor a narrativa, as portas de entrada para que o usuário interaja mais e, portanto, definir a sustentabilidade do projeto (LOVATO, 2015).

A preferência por uma narrativa sequenciada, tanto no podcast como na websérie, se dá por seu início na *web* como os autores Souza e Cajazeira (2015) mostram. Em seu caráter jornalístico e documental a websérie traz uma reconfiguração do modelo tradicional de documentário para criar conteúdos mais dinâmicos e interativos (SOUZA; CAJAZEIRA, 2015). Do mesmo modo no podcast, o produto é dinâmico e interativo. Além disso, suas possibilidades de distribuição de



informação se ampliam na web (LUIZ; DE ASSIS, 2009), fazendo com que o podcast se torne um produto propício para o contexto apresentado.

### **4.3 Literatura, cinema e comunicação**

O projeto investiga os temas de cinema e literatura retratados no jornalismo atual. Como visto que o número de leitores no Brasil aumentou no período de 2011 a 2015, segundo a 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil do Instituto Pró-livro. Os dados divulgados em 2016, apresentaram que 56% dos brasileiros são leitores. Como cadernos de cultura são fechados enquanto o número de leitores no Brasil aumenta?

A investigação também traz o fenômeno dos *booktubers*. As resenhas de obras feitas por leitores para leitores ganharam audiência na plataforma *YouTube* através de vídeos interativos. Como explica Jeffman (2017), os *booktubers* conseguem entreter, formar uma comunidade, convencer, persuadir e educar. Além disso, algumas dessas pessoas são graduadas em jornalismo e atuam como *booktubers*.

Entre as relações consideradas no projeto está a convergência das artes, neste caso considerando a literatura, e a comunicação. O produto entende o cinema como ligado a literatura tanto pelo seu modo de produção como pela própria inspiração de um pelo outro, ou seja, quando livros se tornam filmes e vice-versa. Santaella (2005) explica que o cinema e a literatura são entendidos como inerentes um ao outro pelos produtos propriamente ditos. Porém, como a autora explica (SANTAELLA, 2005), essas artes convergem pelos próprios artistas que utilizam de técnicas e métodos da literatura para a narrativa do cinema, assim como a literatura se modificou na medida que o cinema se tornou popular. Essa convergência envolve tanto as referências, como modo de narrativa, linguagens e histórias.

Na comunicação, essas artes encontram-se em seu caráter experimental (SANTAELLA, 2005). Experimental pois os artistas de vanguarda experimentavam quando se viam diante de um novo meio de produção e se propunham a encontrar uma linguagem própria desse meio (SANTAELLA, 2005). A comunicação atua e atuou nesse sentido quando novos meios de comunicação como o cinema e a televisão surgiram. E, de fato, aconteceu com o computador, a internet e agora, com as novas plataformas.

## 5. METODOLOGIA APLICADA

O projeto tem uma metodologia aplicada na produção jornalística. A primeira etapa de elaboração e investigação do projeto se constituiu com uma pesquisa exploratória das produções de jornalismo cultural no ambiente digital que utilizem de multimídia, multiplataforma e narrativa transmídia. A pesquisa exploratória teve como objetivo esclarecer, colocar em ordem conceitos e ideias levando em conta a pesquisa bibliográfica e documental para deixar os problemas mais precisos (GIL, 2008). Esse tipo de pesquisa permitiu ter uma visão geral do objeto de estudo, podendo visualizar o que tem se produzido na área e quais são suas possíveis perspectivas. Dois pontos foram investigados, as produções atuais de jornalismo cultural e as possibilidades de narrativa transmídia para essa área.

Logo, o projeto seguiu para a pesquisa descritiva a partir das observações da pesquisa exploratória. A pesquisa descritiva, segundo Gil (2008), tem o objetivo de descrever características de determinada população ou fenômeno, descobrir associações entre variáveis até mesmo determinar a natureza das associações e relações. Os dois tipos de pesquisa, exploratória e descritiva, têm preocupação com a atuação prática, como a proposta do projeto (GIL, 2008). Junto as pesquisas bibliográfica e documental, o projeto ganhou embasamento teórico para constituir suas reflexões.

Para a pré-produção do podcast, da websérie e do *Medium* foram realizadas relações entre as produções e seus métodos de narrativa transmídia para descobrir suas funcionalidades, utilidades e usabilidades para o jornalismo cultural e para o projeto. Com essas observações pode-se escolher as plataformas necessárias para a produção transmídia. E ainda, as discussões, observações e relações sobre jornalismo cultural pesquisadas ajudaram na composição da websérie, dos textos e dos podcasts.

A produção contou com a metodologia de apuração jornalística juntamente com a pesquisa exploratória para um conhecimento do objeto de estudo e para poder selecionar os assuntos necessários para a websérie e os podcasts. A apuração junto a pesquisa mostrou quais as principais pautas referentes ao jornalismo cultural seriam parte da websérie e dos podcasts e quem seria preciso entrevistar, permitindo assim uma preparação para o entrevistador (BRASLAUSKAS; FLORESTA, 2009).

As entrevistas foram realizadas pessoalmente e via internet (GIL, 2008) sendo gravadas em vídeo e áudio. Jornalistas e pesquisadores da área de jornalismo cultural foram as principais fontes

e escolheu-se por utilizar de uma entrevista da qual o entrevistador não fizesse interferência com as falas das fontes (BRASLAUSKAS; FLORESTA, 2009).

## 6. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

### 6.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A primeira etapa do projeto foi a definição das fontes, escolheu-se jornalistas da área que trabalhassem tanto no jornalismo de referência quanto no jornalismo alternativo e que produzissem em múltiplas plataformas. Elas foram escolhidas também de acordo com a proximidade para realização da entrevista, sendo a maioria da cidade de Porto Alegre, três de Santa Maria, no Rio Grande do Sul e duas de Curitiba, no Paraná. Uma das dificuldades na pré-produção foi não encontrar nenhum veículo de jornalismo cultural inovador em São Borja e região. Portanto, as fontes selecionadas para o projeto foram:

- Claudia Laitano: editora do caderno de cultura do jornal gaúcho Zero Hora. Também idealizadora do Proa, antigo caderno de cultura do jornal;
- Roger Lerina: jornalista e crítico de cinema;
- Yuri Al'Hanati: jornalista e *booktuber*, do canal Livrada.
- Rogério Pereira: editor-chefe do jornal literário Rascunho.
- Luiz Gonzaga Lopes: editor do caderno Arte e Agenda do jornal Correio do Povo.
- Tamara Finardi: rádio Armazém de Santa Maria/RS.
- Rafael Gloria: do Nonada Travessia e organizador do curso de extensão de Jornalismo Cultural da Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos).
- Suelen Soares: editora de cultura do Diário de Santa Maria.
- Marilice Daronco: jornalista e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

#### 6.1.1 Websérie

A pré-produção da websérie começou com a definição de pautas, a seleção de fontes para cada episódio e a elaboração de perguntas. A websérie foi planejada para ser composta de três websódios de até quinze minutos. O primeiro teve como pauta uma introdução com fatos sobre o jornalismo cultural e com depoimentos curtos de todas as vozes entrevistadas para a websérie. Entre os temas escolheu-se que os entrevistados falassem sobre o que significa jornalismo cultural para eles e qual a situação da área atualmente.

O segundo websódio foi pensado para que trouxesse questões e reflexões dos jornalistas com maior tempo de atuação na área de jornalismo cultural. Cláudia Laitano, do jornal Zero Hora; Rogério Pereira, do jornal literário Rascunho e Luiz Gonzaga Lopes, editor do caderno Arte e Agenda do jornal Correio do Povo. Esses profissionais foram questionados sobre o antes e o depois do jornalismo cultural feito no jornalismo de referência, as mudanças nessa área, as transformações e migrações dos jornalistas das empresas após a ascensão da cultura da convergência.

O terceiro e último websódio foi construído voltado para o *booktuber* e jornalista Yuri Al’Hanati, o crítico de cinema Roger Lerina e Rafael Glória, um dos organizadores do Curso de extensão de Jornalismo Cultural da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). O objetivo do websódio é trazer a atenção para a mudança dos jornalistas e do jornalismo diante dessa nova função: os *Youtubers*. As diferentes linguagens e modos de produção, além das novas pautas do jornalismo voltado para a literatura. Tanto a websérie e o podcast é destinado para estudantes de jornalismo, jornalistas e o público que se interessa pela produção de conteúdo na área de cinema e literatura.

Assim, a etapa de pré-produção seguiu para o contato com as fontes. Para a websérie, na seleção de fontes escolheu-se por apresentar uma diversidade de experiências, assim as seis fontes têm características importantes para a websérie. Cláudia Laitano, Rogério Pereira, Luiz Gonzaga e Roger Lerina são jornalistas com mais de quinze anos de experiência em jornalismo, enquanto Rafael e Yuri são jornalistas jovens que trabalham há cinco anos ou um pouco mais. Essas escolhas permitiram que pudéssemos ter a visão dos jornalistas que estão em diferentes estágios na carreira, os mais experientes que passaram pelas mudanças após a internet e também a dos jornalistas mais jovens que já chegaram com o ambiente digital consolidado.

Cláudia Laitano é editora do Segundo Caderno do jornal Zero Hora (ZH), colunista do portal GaúchaZH e tem um livro de crônicas de sua autoria “Agora eu era”. Iniciou sua carreira antes da internet como repórter do Segundo Caderno da Zero Hora, desde 2017 o jornal se integrou com a rádio Gaúcha e juntos formaram a plataforma digital GaúchaZH<sup>4</sup>. Seu conhecimento sobre as coberturas no jornalismo de referência e sua experiência com o surgimento da internet trazem visões de uma jornalista que trabalha há 26 anos na área.

---

<sup>4</sup> Em setembro de 2017 o jornal Zero Hora e a rádio Gaúcha, do grupo RBS de comunicação, integraram suas redações para formar a plataforma digital GaúchaZH na qual o público pode conferir notícias e conteúdo online produzidos pelo jornal e escutar a rádio, tudo em um mesmo site.

Luiz Gonzaga Lopes foi editor do caderno “Arte e Agenda”, do jornal Correio do Povo, durante a pré-produção e produção do projeto, mais tarde passou a ser editor assistente. Iniciou sua carreira no jornalismo esportivo e depois por experiência na profissão e gostos ligados a cultura passou para o caderno “Arte e Agenda”, do Correio do Povo. Luiz é um jornalista que trabalha em um dos principais veículos de referência no estado, mas é autocrítico em relação às coberturas que fazem. Apesar de estarem no mesmo estágio de trabalho, as opiniões de Luiz e Cláudia destoaram bastante.

Roger Lerina é jornalista e crítico de cinema do canal de televisão por assinatura “Canal Brasil”<sup>5</sup>, há mais de 20 anos trabalha com jornalismo e curadoria cultural é integrante da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) e da Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Sul (ACCIRS). Roger é um jornalista que trabalhou no jornalismo de referência no jornal “Zero Hora” e depois passou a atuar também no ambiente digital, como a rádio digital on-line “Mínima” assim contribui para o projeto com suas experiências diversificadas em duas áreas: jornalismo de referência e jornalismo alternativo.

Rogério Pereira é jornalista e um dos fundadores do principal suplemento literário brasileiro o “Rascunho” do qual atualmente é editor. Fundou o “Rascunho” em abril de 2000 pelo interesse em falar apenas de literatura, liberdade que não tinha no antigo emprego em um jornal da cidade de Curitiba. Rogério trabalha há mais de 20 anos com jornalismo cultural e traz um olhar mais voltado para a literatura e o jornalismo, a ascensão dos *booktubers* e a crise do jornalismo impresso.

O jornalista Rafael Gloria é um dos fundadores e atual editor do site de jornalismo cultural alternativo “Nonada Travessia”. Gloria trabalha há 10 anos com jornalismo cultural e junto com uma equipe criou o “Nonada” em setembro de 2010 com o objetivo de trazer um site de jornalismo cultural com reportagens aprofundadas na área. Como jornalista, já cobriu eventos como a Feira do Livro, em Porto Alegre, e colabora escrevendo reportagens para jornais como o Jornal do Comércio, Correio do Povo e Jornal Metro. Ganhou o prêmio Agente Jovem do Ministério da Cultura, em 2012, e foi menção Honrosa no Prêmio Ari de 2016. Sua experiência em jornalismo alternativo e seus estudos sobre a História do Jornalismo no mestrado da UFRGS, traz uma visão de pesquisador e profissional da área.

---

<sup>5</sup> O Canal Brasil existe desde 1998 e com dez anos de atuação traz uma programação voltada para exibição de filmes e documentários brasileiros independentes, discussões sobre cinema e programas com conteúdos de cultura.

Yuri Al’Hanati é jornalista, trabalha desde 2010 com jornalismo cultural e é autor do blog Livrada que desde 2014 atua como canal no *YouTube* para resenhas de livros. Com interesse em falar de literatura, Yuri criou o blog Livrada em 2010, período em que também trabalhou na Gazeta do Povo, em Curitiba. O blog cresceu e em 2014 passou a ser um canal no *YouTube* com mais de 25 mil inscritos, Yuri não trabalha como *booktuber*, ou seja, não tem lucros pelo canal que é mantido de forma independente.

O contato com as primeiras fontes foi em maio com os jornalistas Cláudia Laitano, Luiz Gonzaga Lopes, Rafael Glória e Roger Lerina. Essas fontes foram escolhidas devido a sua residência na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, o que facilitaria a locomoção de São Borja para realizar as entrevistas. O contato com todas as fontes foi feito por *email*, *Whatsapp* e *Facebook*. Em julho contactou-se os jornalistas Rogério Pereira e Yuri Al’Hanati.

Assim que as fontes Cláudia Laitano, Luiz Gonzaga e Rafael Gloria confirmaram a entrevista, foi realizado um roteiro de perguntas separado de acordo com o estágio da profissão em que a fonte estava: um para fontes mais experientes, outro para os jornalistas mais jovens e algumas perguntas para ambos os grupos. Isso foi feito visto que muitas perguntas estavam relacionadas com a experiência do profissional antes da chegada da internet e também algumas eram voltadas para coberturas no jornalismo de referência e outra no jornalismo alternativo.

Lista de perguntas comum a todas as fontes:

1. O que é jornalismo cultural para você? O que você acha que o caracteriza?
2. Por que você decidiu trabalhar com jornalismo cultural?
3. Qual seria o grande obstáculo da área agora?
4. O que você destacaria de mudanças que ocorreram na área? Como era feito antes e como é agora?
5. E no jornalista? Como você vê os novos profissionais que chegam nas redações hoje?
6. Informação ou entretenimento? Infotainment? Por quê?

Perguntas para os jornalistas mais experientes, com mais de 15 anos de atuação na área cultural focaram no antes e depois da internet, na cultura da convergência e no jornalismo cultural feito nos veículos de referência, sobre as coberturas, desafios e momentos dessa área.

1. O jornalismo cultural tem a intenção de contribuir para a formação do público com atividades, referências e conhecimento. Como você vê esse papel hoje? Ele mudou, é cumprido?

2. O que você pensa sobre as produções do jornalismo cultural hoje?
3. Quais mudanças você percebeu após a chegada da internet?
4. No livro *Cultura da Convergência* de Jenkins, o acesso à internet permitiu que qualquer pessoa possa produzir o seu conteúdo, surgiu então os consumidores-produtores. A partir do momento que o público passa a produzir, ele passa a ser mais exigente e pode ser uma provável concorrência. Qual a sua visão sobre isso?
5. O autor Daniel Piza cita em seu livro *Jornalismo Cultural* que um dos principais problemas da editoria é o apego as agendas e releases. O apego às agendas atrapalha na produção de outros materiais atemporais como grandes reportagens? (Prática do jornalismo).
6. Celebidades fazem parte do jornalismo cultural ou são entretenimento? Essa linha é tênue?
7. Para você, a geração de hoje lê menos? Estamos na era do audiovisual? Por quê?
8. Há algo na prática de antes que você sente falta agora? O quê?
9. Quais produções de jornalismo cultural você recomendaria?

Para os jornalistas mais jovens, voltados a iniciativas independentes de jornalismo cultural, que são Yuri Al’Hanati e Rafael Gloria foram feitas perguntas voltadas para a mudança dos jornalistas das mídias físicas para o ambiente digital, sobre o futuro da área e sobre a utilização de diferentes plataformas.

1. O *YouTube* e a atuação como *booktubers* é uma alternativa de profissão hoje? Se sim, por quê? Como isso se constitui?
2. Você faz outra atividade além do canal, como trabalhos freelancer? É possível viver de *booktubers*?
3. Na sua opinião, a plataforma do *YouTube* veio para ficar ou é só uma febre?
4. A exposição que você tem na internet te trouxe outras oportunidades? Quais?
5. Em que contribui a formação de jornalista na sua atividade de *booktubers*?
6. Quando você entrou na faculdade de jornalismo, o que imagina que seria? Como o canal surgiu na sua vida? Quais os motivos?
7. Pretende continuar com o canal?
8. Qual a sua visão sobre as produções jornalísticas na área de cinema e literatura?

9. E sobre o seu público, são jovens adultos e/ou adolescentes? As novas gerações consomem mais o audiovisual?
10. Qual mudança você vê de quando você consumia jornalismo cultural e como consome agora? Como isso impacta na sua profissão?
11. Quais produções de jornalismo cultural você recomendaria?

É importante ressaltar que os roteiros são para entrevistas semiestruturadas (GIL, 2008), isso significa que de acordo com o andamento da atividade algumas perguntas poderiam ser modificadas, não feitas ou outras perguntas poderiam ser acrescentadas. Isso acontece porque muitas dessas questões se relacionam entre si, assim algumas fontes poderiam acabar respondendo duas ou três perguntas ao responder apenas uma.

### **6.1.2 Podcast**

Foi decidido que a série de podcasts seria feita em dois episódios. O primeiro podcast foi pautado por questões e uma discussão sobre como o jornalismo cultural é feito hoje. Entre as reflexões estão questões norteadoras do debate: **informação ou entretenimento, jornalismo cultural ou glamour?**

As fontes escolhidas para a produção do primeiro podcast foram as jornalistas Tamara Finardi, Suelen Soares e Marilice Daronco. A jornalista Tamara Finardi trabalha na rádio Armazém, um veículo alternativo que possui site, rádio e podcast voltadas para o cenário Cultural de Santa Maria. Tamara é também acadêmica do curso de Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), produz matérias diversificadas para a rádio Armazém e junto com um grupo de jornalistas tem o programa “O pódio é delas” no qual trazem pautas sobre o papel da mulher no esporte.

Suelen Soares é jornalista e repórter do caderno de cultura do Diário de Santa Maria. Suelen trabalha com pautas voltadas para o patrimônio histórico, agenda cultural, atrações e coberturas de eventos em um dos principais jornais da cidade de Santa Maria. A profissional foi escolhida para trazer ao podcast um olhar sobre o repórter de jornalismo cultural e suas principais dificuldades nas coberturas diárias e nas redações.

Marilice Daronco é jornalista e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Daronco é especialista em cinema pelo Centro Universitário Franciscano (Unifra) e pesquisa cinema, memória e jornalismo cultural. Tem experiência de 13 anos trabalhando em jornais impressos e colaborando com veículos como



o Diário de Santa Maria, já produziu documentários e em 2015 ganhou o Prêmio RBS de Jornalismo e Entretenimento na categoria jornalismo investigativo.

Assim como as fontes da websérie, essas profissionais também foram contatadas via *e-mail*, *Whatsapp* e *Facebook*. Os contatos foram realizados em setembro, houve uma demora nessa etapa da pré-produção pois era preciso acertar uma data, um horário e um local em que todas as fontes estivessem disponíveis para a realização do debate. Com a ajuda da jornalista Tamara Finardi, conseguimos o estúdio da rádio Armazém para a gravação do podcast com auxílio técnico do proprietário da rádio Edson Kah. Com a confirmação das jornalistas, iniciou-se a elaboração da pauta e de um roteiro de perguntas para a produção.

A pauta do podcast foi focada nas coberturas diárias do jornalismo cultural e na divergência entre cultura e entretenimento. Inspirada nas discussões feitas por Frantjesco Ballerini (2015) no capítulo “A prática do jornalismo cultural”, do livro “Jornalismo Cultural no século XXI”. Nesse capítulo, o autor traz um debate sobre a priorização das agendas culturais no jornalismo de cultura, sobre a cobertura apenas de livros *best-sellers*, vencedores de Oscar e programas de TV de entretenimento, celebridades e de como isso dificulta a descoberta de diferentes manifestações culturais interessantes para a sociedade (BALLERINI, 2015). Por isso, decidiu-se que o nome do primeiro podcast seria “Jornalismo cultural: cultura ou glamour?”. Fez-se então um roteiro de perguntas que norteariam a produção do podcast.

1. Como você vê o jornalismo cultural hoje? Acredita na divergência entre cultura e glamour?
2. Informação e entretenimento, sim ou não? Por quê?
3. Pelo o que o jornalismo cultural é pautado?
4. Quais são as maiores dificuldades do jornalismo cultural?
5. Por que você decidiu trabalhar com jornalismo cultural? Teve decepção? Qual?
6. Muitas pessoas ainda veem o jornalismo cultural como algo para pessoas inteligentes e privilegiadas. Essa herança da ideia de alta e baixa cultura ainda influencia o jornalismo cultural? Se sim, por quê?
7. O que você acredita que o público busca? Qual tipo de conteúdo?
8. Com a emersão dos *youtubers* o jornalista perde espaço com as novas gerações? Se sim, seria pelo conteúdo ou pelo formato?
9. Quais produções de jornalismo cultural você recomendaria?

Da mesma maneira que na websérie, essas perguntas são semiestruturadas (GIL, 2008) pois em um debate as perguntas podem ir variando. Esse roteiro de perguntas e assuntos foi feito porque diferente do documentário, no qual os roteiros são realizados após a captação de imagens, no rádio e no podcast é necessário que o roteiro seja feito anterior a produção, conforme o apêndice A. Em um debate de rádio é preciso que se mantenha os assuntos e os argumentos em ordem, o roteiro garante que os temas sejam suficientes para provocar tensões e para que o apresentador saiba o que dizer, também garante que nenhuma informação possa faltar durante a transmissão e que os argumentos e discursos estejam organizados de maneira coerente e compreensível para o ouvinte (MCLEISH, 2001).

Nas discussões e assuntos para o debate foram selecionados quatro fatos para dar base para o debate: O incêndio do Museu Nacional, ocorrido em setembro de 2018, foi utilizado para falar das demandas em jornalismo cultural para retratar as situações dos patrimônios culturais; um trecho da entrevista com o jornalista Luiz Gonzaga Lopes na qual o profissional faz uma crítica às coberturas do jornalismo cultural; uma referência da famosa manchete no portal Terra “Caetano Veloso estaciona carro no Leblon nesta quinta-feira” que completou sete anos em março de 2018; e uma citação do Frantjesco Ballerini (2015) na qual o autor cita uma comparação feita pelos autores Cunha, Teixeira e Magalhães (2002) entre o jornalismo cultural e o jornalismo esportivo.

[...] Pode-se estabelecer uma analogia com o caderno de esportes. Se esse caderno se limitasse a noticiar as tabelas e resultados dos jogos e notícias relatando os momentos principais das partidas, certamente sua atuação seria considerada falha, pois estaria deixando de investigar e publicar questões relativas às políticas esportivas, às leis, aos jogos de interesse que envolvem clubes, federações e emissoras de TV, às CPIs, ao milionário mercado de atletas. No entanto, é uma postura análoga à que prevalece nos cadernos diários de cultura: um jornalismo “de resultados” (BALLERINI, 2015, p. 69-68 apud CUNHA, TEIXEIRA E MAGALHÃES, 2002).

O último podcast foi pautado como um guia com uma lista de sites que praticam um jornalismo cultural inovador<sup>6</sup>. Esse segundo episódio foi definido como formato de guia sobre sites e produções de jornalismo cultural indicados pelos jornalistas entrevistados para a websérie. Essas informações foram retiradas de todas as fontes, pois durante as entrevistas uma das perguntas era sobre quais produções inovadoras de jornalismo cultural são recomendadas para o público pelos

---

<sup>6</sup> Neste trabalho entendemos inovação como “o processo de fazer mudanças, grande e pequena, radical e incremental, para produtos, processos e serviços que resultem na introdução de algo novo para a organização, que agregue valor aos clientes e que contribua para o seu conhecimento” (O’SULLIVAN & DOOLEY, 2009, p.5 apud FLORES, 2017, tradução da autora).

jornalistas. Esse podcast foi programado para sua produção ser após todos os outros produtos estarem prontos. Na sua pré-produção, que ocorreu após a produção da websérie, foram selecionadas as falas de cada entrevistado, listado suas recomendações e feito uma descrição de cada iniciativa de jornalismo cultural indicada para a realização de um roteiro.

### **6.1.3 Medium**

A função dos textos no Medium foi para reflexões e discussões sobre o jornalismo cultural que poderiam ir além das falas dos jornalistas. Esses artigos de opinião foram planejados para serem compartilhados através da identidade do próprio projeto na rede social Facebook. Preferiu-se por separar os temas centrais para três artigos de opinião de acordo com o que os jornalistas entrevistados falariam durante a produção. O primeiro seria sobre as entrevistas com os jornalistas Luiz Gonzaga e Cláudia Laitano; o segundo com Yuri Al’Hanati e Rafael Gloria; e o último com Roger Lerina e Rogério Pereira.

De acordo com Scolari (2013), uma narrativa transmídia pode ser produzida através de duas variáveis: uma história contada em múltiplas plataformas; e a colaboração do público com a história. A produção multiplataforma se deu com o uso do podcast, da websérie e do *Medium*, mas é nesta última plataforma que haverá a colaboração. Por isso foi realizada um planejamento de postagens na página do Facebook do projeto com *cards* (imagens específicas para Facebook) com um questionamento de cada texto para provocar a colaboração. É nessa parte que o projeto intencionou que fosse colaborativo entre o público que se interessa por esse tipo de jornalismo, buscando que os leitores façam comentários e interajam com os produtos.

### **6.1.4 Identidade visual e redes sociais**

Após definir as fontes e a delimitação das plataformas e como seriam produzidas, a pré-produção partiu para o desenvolvimento da identidade visual do projeto. A identidade foi produzida pela estudante de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Larissa Teixeira. A marca buscou expressar o movimento do jornalismo cultural e da narrativa transmídia. Na construção da logo, usou-se as tipografias JK Abode com serifa para o nome do projeto “Leitmotiv” e para a assinatura “Olhares sobre o jornalismo cultural”, a *Keep Calm* sem serifa para mostrar a seriedade do projeto, a tecnologia e a atualidade. O detalhe está na última letra, o V convertido em um triângulo deitado, remete ao ícone da reprodução audiovisual. As cores escolhidas foram brancas e o degradê entre laranja e rosa, em tons claros, que juntos representam

os recursos da multiplataforma, da narrativa transmídia, da contemporaneidade do assunto e de aspectos da cultura, como o entretenimento.

Imagem 1: Logo marca do projeto Leitmotiv: Olhares sobre o jornalismo cultural



Fonte: Larissa Teixeira

A identidade visual foi necessária pois o projeto seria posteriormente compartilhado nas redes sociais próprias de cada produto no *YouTube*, no *Medium* e no *Soundcloud*. Entretanto além disso, o projeto também teve como estratégia a criação de uma página no Facebook<sup>7</sup> na qual pudessem ser compartilhados e reunidos todos os conteúdos, por isso também foi definido o Facebook como estratégia para impulsionar a participação do público na narrativa transmídia.

## 6. 2 PRODUÇÃO

### 6.2.1 Websérie

O processo de produção iniciou em maio e durou até setembro. As entrevistas feitas pessoalmente utilizaram de uma câmera Canon T5i, microfone de lapela ligado a um celular Motorola G3 e tripé. Além disso, a entrevista teve o auxílio do professor do curso de Ciência Humanas Gerson de Lima Oliveira que registrou as produções com fotos e vídeos. As únicas entrevistas à distância foram com os jornalistas Yuri Al’Hanati e Rogério Pereira devido ao fato dos dois residirem em Curitiba, no Paraná, e a dificuldade financeira de entrevista-los pessoalmente. Nessas entrevistas, notebook Dell Inspiron, o aplicativo do Skype para Windows 10 e o programa Movavi Vídeo Studio Suite 15 para gravar a entrevista.

No dia 30 de maio foi realizada a entrevista com a jornalista Cláudia Laitano na redação da GaúchaZH, em Porto Alegre. A jornalista foi a primeira a ser entrevistada da lista de fontes, sua entrevista em material bruto durou 21 minutos e 57 segundos. Para o enquadramento da personagem, foram feitos dois planos o meio primeiro plano e o primeiro plano<sup>8</sup>, buscando dar posteriormente, na edição, uma dinâmica na narrativa. Após o término da entrevista, realizou-se

<sup>7</sup> A página do projeto no *Facebook* está no link <https://www.facebook.com/leitmotivjornal>

<sup>8</sup> Foi utilizado como referência para os enquadramentos deste projeto o livro “Primeiro Filme” de Gerbase (2012).

imagens de apoio da jornalista, dos cadernos de cultura impressos e da redação da GaúchaZH. Ao todo nesse dia, foram feitas 27 imagens de apoio para a websérie.

Imagem 2: Entrevista com Cláudia Laitano em Porto Alegre, maio de 2018



Fonte: Gerson de Lima Oliveira

Imagem 3: *printscreen* da entrevista com Cláudia Laitano em primeiro plano



Fonte: LEIMOTIV - Larissa Burchard

Em primeiro de junho ocorreu o encontro com Rafael Gloria. O jornalista é mestrando da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e não possui local fixo do trabalho, portanto a atividade aconteceu no apartamento da jornalista Thaís, também integrante do Nonada, onde também tinha um estandarte do site. A entrevista com Rafael durou 26 minutos com 28 segundos e foi feita em meio primeiro plano. Posteriormente foram realizadas 23 imagens de apoio do entrevistado e dos materiais do Nonada.

Imagem 4: Entrevista com Rafael Gloria em junho de 2018



Fonte: Gerson de Lima Oliveira

Imagem 5: Rafael em meio primeiro plano



Fonte: LEITMOTIV - Larissa Burchard

Na mesma semana, no dia quatro a entrevista foi com Luiz Gonzaga Lopes. O profissional estava na redação do jornal Correio do Povo e a entrevista ocorreu em uma sala do prédio. O tempo de gravação desta entrevista, em material bruto, deu no total 18 minutos e 44 segundos e também foi produzida em meio primeiro plano. Neste dia a realizadora deste projeto também registrou imagens de apoio do entrevistado, da redação do Correio do Povo, da rádio Guaíba e dos jornalistas em seu ambiente de trabalho. O registro do trabalho nas redações tanto da GaúchaZH e do Correio do Povo foram essenciais ao projeto pois os dois ambientes mostram e ilustram o jornalismo

brasileiro para a websérie, além disso muitos desses registros foram aproveitados para registrar os artigos de opinião na plataforma *Medium*.

Imagem 6: Entrevista com Luiz Gonzaga Lopes em junho de 2018



Fonte: Gerson de Lima Oliveira

Imagem 7: Luiz Gonzaga Lopes em primeiro plano



Fonte: LEITMOTIV - Larissa Burchard

Mais tarde no dia 17 de julho houve a entrevista à distância via internet com o editor-chefe do jornal literário *Rascunho*, Rogério Pereira. A entrevista aconteceu às 15h e durou 48 minutos e 53 segundos, como foi realizada pelo aplicativo do Skype e o jornalista estava utilizando seu celular para o contato, o enquadramento dessa entrevista foi feito em Primeiro Plano com instabilidade na qualidade da imagem por causa das variações de sinal da internet. A captação da entrevista ocorreu na sala 3307 da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus São Borja.



Imagem 8: Registro da entrevista por Skype com Rogério Pereira



Fonte: Larissa Burchard

Com o recesso para a férias de julho a início de agosto, a entrevista com o *booktuber* Yuri Al’Hanati foi marcada após a volta às aulas no dia 23 de agosto. Da mesma maneira como aconteceu com o jornalista Rogério Pereira, a entrevista com o Yuri também foi captada na sala 3307 da Unipampa. A gravação em material bruto deu o total de 30 minutos e 14 segundos, diferente da entrevista com Rogério essa foi mais estável.

Imagem 9: entrevista por Skype com Yuri Al’Hanati



Fonte: Larissa Burchard

A última entrevista da websérie foi com o jornalista Roger Lerina, em Porto Alegre, no dia 13 de setembro. Roger recebeu a executora do projeto em seu programa de rádio Elefante na produtora Mínima, local onde foi feita a entrevista. Assim, enquanto o jornalista trabalhava, foram feitas imagens de apoio dele e de seu trabalho na produtora, totalizando 25 imagens. A gravação



rendeu 41 minutos e 46 segundos e foi feita em dois enquadramentos meio primeiro plano e primeiro plano.

Imagem 10: Entrevista com Roger Lerina em Porto Alegre



Fonte: Gerson de Lima Oliveira

Imagem 11: Gravação com Roger Lerina em meio primeiro plano



Fonte: LEITMOTIV - Larissa Burchard

Durante as viagens a Porto Alegre tanto nas primeiras três entrevistas quanto na última, com Roger Lerina, foram gravadas imagens de apoio de Porto Alegre em três lugares: no Parque da Redenção, na Usina do Gasômetro e na orla do Guaíba. Essas imagens foram feitas para que pudessem, além de registrar a cidade onde os jornalistas trabalham mas também gravar pessoas conversando, lendo jornais na rua, lendo livros no parque, feiras e monumentos de Porto Alegre que evidenciassem a vida em sociedade e as diversas manifestações culturais das quais o jornalismo cultural se pauta.

### 6.2.2 Podcast

A produção do primeiro podcast “Jornalismo cultural: cultura ou glamour?” ocorreu na cidade de Santa Maria no dia 22 de setembro no estúdio da rádio Armazém, na Vila Belga, às 10h da manhã. Encontramos o técnico Edson Kah e as jornalistas Marilice Daronco, Tamara Finardi e Suelen Soares para a gravação. Neste dia, a estudante de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Renata Rodrigues, auxiliou no registro com fotos da produção. No início a intenção era que o podcast tivesse 45 minutos, mas com o andamento do debate, a gravação inteira do programa em material bruto deu 1 hora, 5 minutos e 28 segundos. A produção rendeu pois as três jornalistas colaboraram com a discussão com suas experiências e opiniões.

Imagem 12: Fotografia da produção do podcast em Santa Maria



Fonte: Renata Rodrigues

Além disso, durante a viagem para Santa Maria ocorreu a produção de imagens de apoio em livrarias, cinema e em grupos de discussão de livros. Essas imagens foram pensadas para cobrir as entrevistas do Rogério Pereira e Yuri Al’Hanati visto que estas foram feitas a distância e não havia a possibilidade de produzir essas imagens com os entrevistados.

O segundo podcast “Guia de jornalismo cultural” foi produzido no dia 9 de novembro no estúdio de rádio da Unipampa, campus São Borja. Nesse dia foram gravadas todas as locuções necessárias para constituir o podcast, feito somente pela executora com ajuda do técnico João Batista Correia e narração da estudante de Jornalismo da Unipampa Marcela Cartolano.

### 6.2.3 Medium

Ao todo foram produzidos três artigos de opinião para a plataforma de publicação *Medium*. O primeiro texto da série foi intitulado “Como você consome jornalismo cultural?”, por escolha da realizadora todos os artigos tiveram os títulos em forma de perguntas que serviram para indagar os leitores e fazê-los pensar numa resposta, provocando assim a reflexão. Esse artigo foi escrito no dia 14 de setembro e possui questionamentos e reflexões sobre o que foi conversado nas entrevistas com os editores Cláudia Laitano e Luiz Gonzaga Lopes.

O principal ponto tratado foi sobre como o Jornalismo Cultural trabalha com a agenda, a antecipação de pautas (BALLERINI, 2015) como, por exemplo, com a priorização de pautas sobre os filmes recém lançados, celebridades e livros *best-seller* e de como isso impede que o jornalismo cultural possa contribuir com a visibilidade de novos escritores, pintores e cantores. Como argumento, o artigo traz a ideia de que isso ocorre como um reflexo do consumo do jornalismo cultural e da produção. Se notícias sobre celebridades são as mais acessadas, conseqüentemente serão aquelas que terão prioridades na apuração jornalística. O texto também traz uma referência ao episódio do podcast “Braincast”, “Jornalismo por um fio”, que traz uma discussão em torno da situação atual do jornalismo após a demissão de 800 funcionários da editora Abril, pois dentre esses demitidos muitos são jornalistas. Nesse podcast estão Luiz Yassuda e Juliana Wallauer que conversam com Rodolfo Almeida, do Jornal Nexo, e Bárbara dos Anjos Lima, ex-editora de comportamento da revista Nova que foi fechada pela editora Abril.

O segundo artigo de opinião “Com qual jornalismo cultural você se identifica? Por quê?” traz trechos das entrevistas com os jornalistas Yuri Al’Hanati e Rafael Gloria. O tema central desse texto é a polêmica que surgiu sobre os *booktubers* na internet e a divulgação de livros. Isso aconteceu após o escritor Ronaldo Bressane conversar com uma *booktuber* para um serviço e acabar divulgando a tabela de preços dessa *booktuber* para a divulgação de livros. Assustado com os preços, Bressane questionou em seu blog sobre o quanto as resenhas pagas feitas pelos *booktubers* são benéficas para os espectadores. O assunto cresceu tanto que o escritor fez uma lista de artigos de opinião sobre *booktubers* em seu blog.

Trazendo para a área de jornalismo cultural, essa reflexão depende de quem analisa o cenário, assim o texto traz como hipótese de que o grande consumo de *booktubers* pode afetar o modo como se consome jornalismo cultural, ou não. Afinal, alguns deles são jornalistas e utilizam de técnicas de produção jornalística para a produção de seus vídeos. Esse artigo também traz o

conceito da cauda longa de Chris Anderson (2006) e sobre como ela se aplica a grande produção de nicho feita pelos *booktubers*. Os jornalistas Rafael e Yuri foram questionados na entrevista sobre esses temas e o texto, assim, traz suas opiniões e visões.

O último artigo de opinião foi intitulado de “Para você, qual a importância do jornalismo cultural?” e busca resgatar a importância do jornalismo numa sociedade. Nesse texto, foram escritos trechos das entrevistas com os jornalistas Rogério Pereira e Roger Lerina e suas opiniões sobre as coberturas diárias nos cadernos de cultura. O texto traz dados sobre o consumo de jornalismo no Brasil da pesquisa Reuters Digital News Report de 2018 e também conceitos do texto “Qual a função do jornalismo em momento de crise?”, do jornalista Carlos Castilho, publicado no site Observatório da Imprensa. Os jornalistas Rogério e Roger opinam sobre a relevância do jornalismo cultural diante das várias opções de sites e veículos de nicho que surgiram.

## **6.3 PÓS-PRODUÇÃO**

### **6.3.1 Websérie**

Para a etapa de pós-produção da websérie foi utilizado como referência o livro “Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção”, de Sérgio Puccini (2009), pois a websérie possui uma linguagem documental. Portanto, um dos primeiros passos foi a transcrição das seis entrevistas feitas com os jornalistas. A transcrição é uma etapa importante porque assim o produtor do audiovisual pode visualizar as partes importantes que servirão depois para a montagem do roteiro e também serve como base para pensar e organizar as imagens que serão necessárias para cobrir as falas dos personagens (PUCCINI, 2009). Assim, as laudas de transcrições das entrevistas deram de cinco a seis páginas dependendo da quantidade de informações que o entrevistado forneceu e o tempo da entrevista.

Após as transcrições, iniciou-se a produção dos roteiros de edição dos websódios. A estrutura utilizada foi um roteiro técnico dividido em três colunas: a primeira com o número da sequência para ordenar o episódio; a segunda com a descrição das cenas, enquadramentos e com informações técnicas; e a última com as falas transcritas das fontes e os textos dos *offs*. Essa estrutura foi adaptada da sugerida por Puccini (2009). Ao organizar os roteiros, definiu-se uma linha narrativa que serviu para orientar a editora do filme durante a pós-produção com indicações de aberturas, encerramentos e tempo de cada produto. Porém, alguns detalhes da produção como trilha sonora foram decididas durante a montagem propriamente dita dos websódios.

Os roteiros deram oito páginas e estavam previstos para que cada episódio durasse 10 minutos no máximo. Entretanto com a montagem no programa Adobe Premiere CC 2015 a finalização o primeiro websódio ficou com 11 minutos e 23 segundos, o segundo com 14 minutos e 20 segundos e o último com 13 minutos e 41 segundos. Em todos eles foram utilizados duas trilhas sonora de estilo clássico de Richard Wagner, o criador da técnica Leitmotiv.

Na abertura e no encerramento foi empregada a música “Tannhauser – Act II – scene 1”, essa trilha faz parte da ópera “Tannhauser” e em suas aparições na websérie há um aumento no volume para marcar o início e o fim dos websódios. Para trilha de fundo (*background*) foi empregada a versão em piano da marcha “Büllo” também da ópera “Tannhauser”, todas elas são de domínio público retiradas do site de músicas clássicas de livre atribuição “Musopen”. Foi feita também a narração padrão em voz over (*off*) na abertura e encerramento com a voz da realizadora do projeto. Essa técnica de narração fornece informações ao espectador que não são oferecidas pela imagem, ela que situa o público com conteúdos necessários para o entendimento da narrativa e introduz determinados assuntos (PUCCINI, 2009).

Definiu-se que após a abertura cada websódio iria iniciar com a apresentação dos personagens dizendo seu nome, onde trabalham e a quanto tempo atuam na área de jornalismo cultural seguidos de um GC com a fonte *Keep calm* em branco com o nome e a profissão. Isso foi feito porque em uma narrativa transmídia não podemos prever qual websódio o público irá assistir primeiro, portanto inserimos a identificação dos entrevistados em todos os produtos (imagem 13), além é claro de permitir que os próprios jornalistas se apresentassem. Ademais, os entrevistados falando sobre quanto tempo trabalham com jornalismo cultural dá uma informação ao espectador de que aquelas fontes têm experiência na área e que de acordo com cada estágio da carreira os jornalistas podem ter visões diferentes sobre a mesma área.

Imagem 13: GC utilizado na websérie



Fonte: LEITMOTIV - Larissa Burchard

O primeiro websódio foi construído com trechos das entrevistas com os seis jornalistas e foi intitulado de “O que é jornalismo cultural?”. Para introduzir o assunto foi colocada na abertura uma imagem de apoio da redação da GaúchaZH ilustrando sob o texto com o título do websódio (imagem 14) e depois seguem as apresentações de todos os jornalistas.

Imagem 14: Título do websódio 1



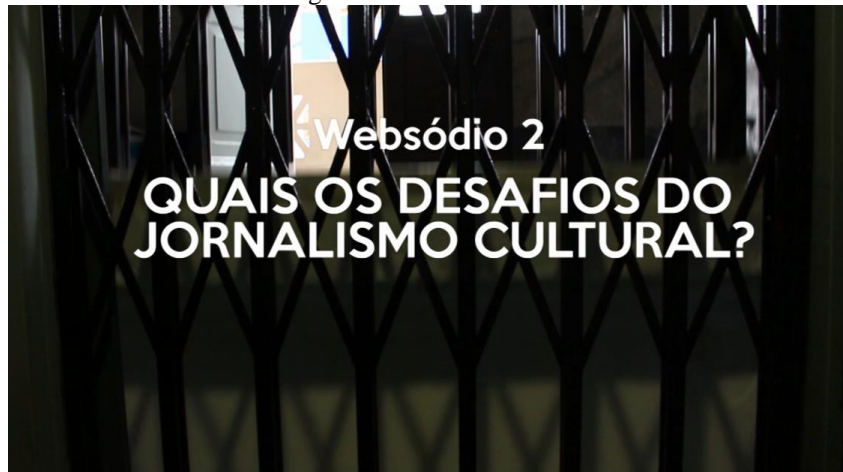
Fonte: LEITMOTIV - Larissa Burchard

Os trechos selecionados são relacionados com as falas dos profissionais sobre o que eles entendem de jornalismo cultural e suas principais características. As cenas são cortadas em *jump-cut*, ou seja, utilizam do corte seco no qual percebe-se que as falas prosseguem a tempos diferentes e não nas sequências como foram gravadas. Nesse websódio foram utilizadas em sua maioria imagens de apoio dos jornalistas, das redações e de cadernos culturais.

O segundo websódio focou na experiência dos três jornalistas Cláudia Laitano, Luiz Gonzaga Lopes e Rogério Pereira que trabalham em três jornais reconhecidos no estado e no Brasil.

Com o título “Quais os desafios do jornalismo cultural?” esse produto traz trechos das entrevistas que falam sobre as coberturas do jornalismo cultural, suas principais pautas, seu contexto atual e seus desafios. Nesse websódio, os jornalistas também falam sobre como começaram a trabalhar na área. A imagem usada para introduzir o assunto desse websódio foi o elevador antigo do prédio do jornal Correio do Povo, assim a imagem retratou a chegada na redação (imagem 15). O efeito sonoro característico da chamada por Skype é empregado no início também para identificar o telespectador na entrevista feita à distância com Rogério Pereira.

Imagem 15: Título websódio 2



Fonte: LEITMOTIV - Larissa Burchard

No último websódio os personagens foram os jornalistas Yuri Al’Hanati, Roger Lerina e Rafael Gloria. Eles foram escolhidos para ficarem juntos no mesmo produto pois todos eles trabalham no ambiente digital e fora do jornalismo de referência – Roger trabalha para o Canal Brasil mas ainda assim trabalha em veículos longe do jornalismo de referência e em veículos alternativos. O título para esse websódio é “Qual o futuro do jornalismo cultural?” e a imagem que o retrata é o jornalista Roger Lerina em plano detalhe de sua mão (imagem 16), trabalhando em seu programa Elefante, na rádio digital on-line Mínima, selecionando músicas no aplicativo do *Spotify*, ao fundo uma música e a voz *over* da entrevistadora pergunta ao jornalista como ele começou a trabalhar na área.

A narrativa inicia dessa vez com os jornalistas já falando sobre o início de sua carreira e a identificação é feita por um GC e imagens de apoio deles. Isso foi feito para que as pessoas que assistam todos os episódios não precisem ficar vendo a mesma apresentação repetidas vezes. O tema central desse produto é o jornalismo cultural diante da cultura da convergência e as múltiplas



plataformas, as visões que os jornalistas têm sobre a quantidade de sites de cultura, os nichos e da relevância do jornalismo no contemporâneo.

Imagem 16: Título websódio 3



Fonte: LEITMOTIV - Larissa Burchard

Todos os websódios são finalizados com um *off* da executora do projeto falando sobre os outros produtos da narrativa e convidando o público para experimentá-los. No final desse *off* é utilizado o efeito “Dissolução de filme” para subir os créditos de cada episódio seguidos da marca do Curso de Jornalismo e depois da Unipampa. Enquanto os créditos passam, a executora relacionou um trecho das entrevistas gravadas pelo professor Gerson de Lima Oliveira sobre as entrevistas. Esses trechos servem como um adicional do que os entrevistados falaram e não estão na narrativa, um *Making of* da websérie.

### 6.3.2 Podcast

Para editar o primeiro podcast utilizou-se o programa de edição de áudio Adobe Audition CC 2015. Foram inseridos os *offs* de apresentação e encerramento. Todas as músicas usadas no podcast são do pianista Erik Satie, de domínio público. Na abertura do podcast foi usada a música “Sonatine Bereaucratique” com a apresentação da locutora e do podcast “Jornalismo cultural: cultura ou glamour?”. De fundo para toda a produção, foi usada a valsa “Valse-ballet”. E de encerramento “Je te veux”. O produto finalizou com 1h07m23s e foi publicado na plataforma *Soundcloud* no dia 10 de novembro e compartilhado na página do Facebook do projeto.

O último podcast foi finalizado no dia 20 de novembro e publicado no dia 23 no *SoundCloud* e compartilhado na página do Facebook do projeto. O tempo de duração foi de 13 minutos e 7 segundos. Foram utilizadas as mesmas trilhas sonoras do primeiro podcast buscando manter uma



unidade entre eles. Porém neste produto, como era voltado para indicações de sites de jornalismo cultural, a cada indicação era utilizado algum recurso sonora para dar dinâmica ao produto. Além disso, foram inseridos os trechos dos entrevistados com suas recomendações. A estrutura foi a seguinte: introdução do entrevistado, trecho de sua fala, recurso sonoro relacionado a indicação, a indicação do site propriamente dita. Em algumas indicações foram utilizados recursos próprias do veículo recomendado como no caso da revista Piauí no qual foi inserido a vinheta da rádio Piauí.

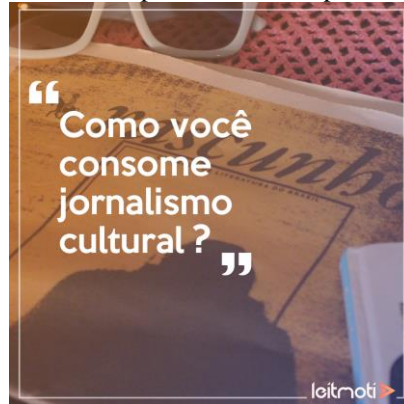
### **6.3.3 Medium**

Após escritos os três textos, revisados e editados para ficarem prontos para a publicação. O primeiro texto foi publicado em outubro no dia 6 e compartilhado no Facebook no mesmo dia, o texto foi ilustrado com uma foto do Segundo caderno do jornal Zero Hora tirada na redação da GaúchaZH no mesmo dia da entrevista com Cláudia Laitano. Os hiperlinks utilizados no texto levam direto a outras portas de entrada da narrativa através da página no Facebook do projeto e também para os sites do Correio do Povo e da GaúchaZH. Também foi postado um *card* no Facebook após a publicação do texto para chamar a atenção para o produto.

No dia 5 de novembro foi publicado o segundo artigo, as fotos que registraram esse texto ilustram um tablete e um celular tecnologias que se relacionam com o tema de *booktubers* e jornalismo cultural. Possui ainda duas fotos uma da entrevista com Rafael Gloria e outra um *printscreen* (imagem da tela) da entrevista por Skype com Yuri Al’Hanati. Os hiperlinks desse texto foram direcionados além para a página do Facebook também para o site do Nonada Travessia, do canal Livrada e para o blog do escritor Bressane.

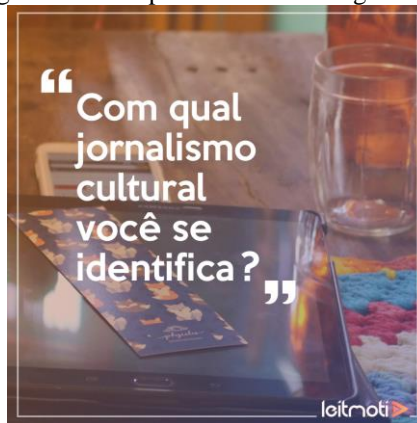
Dia 16 de novembro o último artigo foi publicado com foto do jornal Rascunho para ilustrar o título “Para você, qual a importância do jornalismo cultural?”. Durante o texto foram empregados hiperlinks para o site do jornal Rascunho e para o artigo utilizado como referência do jornalista Carlos Castilhos. Dentro do texto foi atribuída mais uma foto tirada em Porto Alegre na rodoviária que ilustra uma menina utilizando o celular e uma mulher ao seu lado lendo um livro, assim a foto demonstra as múltiplas plataformas e públicos relatados no artigo. Todos os textos foram compartilhados no Facebook e também republicados com um *card* próprio com o título de cada um.

Imagem 17: Card para o Facebook primeiro texto



Fonte: Larissa Burchard

Imagem 18: Card para o Facebook segundo texto



Fonte: Larissa Burchard

Imagem 19: Card para o Facebook último texto



Fonte: Larissa Burchard

Até a escrita deste de relatório os produtos compartilhados nas redes sociais tiveram repercussões. Ocorreram compartilhamentos pelo Facebook, curtidas no *Medium* e no *SoundCloud*

além do registro do número de visualizações no *YouTube*. Nem todos os conteúdos tiveram a repercussão esperada, os primeiros conteúdos de cada plataforma tiveram interações mas posteriormente com a publicação da continuação da narrativa percebeu-se uma diminuição nas curtidas, compartilhamentos e participações dos públicos. Porém, quando os conteúdos foram compartilhados nas redes sociais pessoais da executora percebeu-se uma repercussão maior em plataformas como o Twitter, como mostram as imagens a seguir:

Imagem 20: número de visualizações nos websódios *printscreen* feito do dia 22 de novembro



Fonte: LEITMOTIV – Larissa Burchard

Imagem 21: número de reproduções no podcast “Jornalismo cultural: cultura ou glamour?” *printscreen* feito no dia 22 de novembro



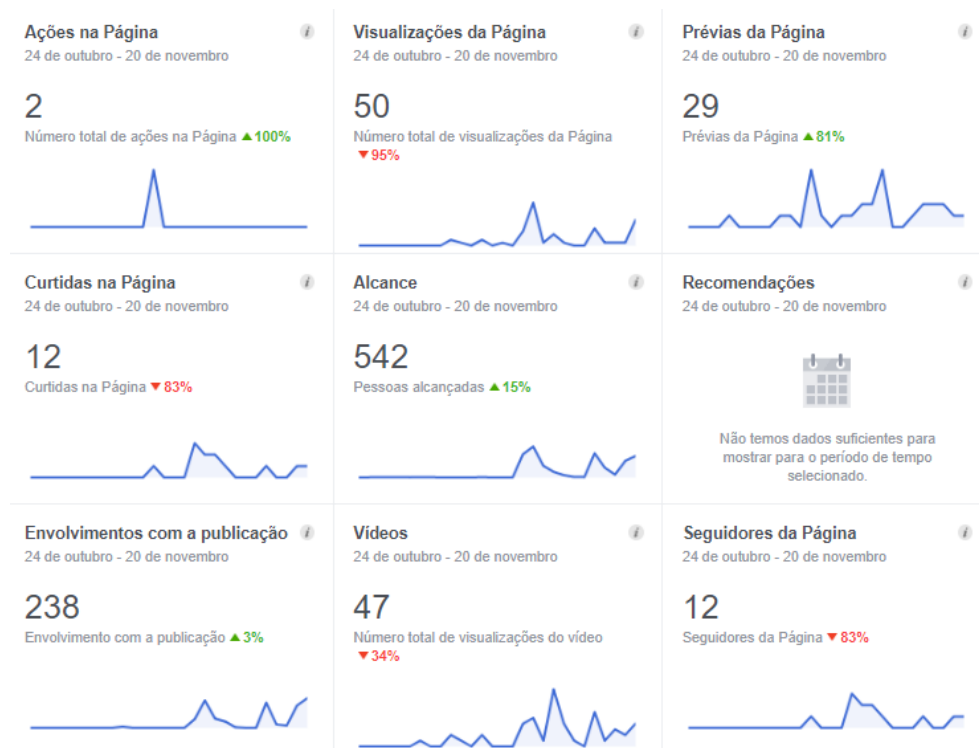
Fonte: LEITMOTIV – Larissa Burchard

Imagem 22: número de seguidores no Medium do projeto *printscreen* dia 22 de novembro



Fonte: LEITMOTIV – Larissa Burchard

Imagem 23: número de interações na página do Facebook do projeto *printscreen* dia 22 de novembro



Fonte: LEITMOTIV – Larissa Burchard

## 7. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO

A realização de conteúdos em três plataformas permitiu que a realizadora do projeto trabalhasse com os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação com os diferentes suportes. Desde disciplinas básicas como Redação, Radiojornalismo e Telejornalismo até com disciplinas

mais avançadas no curso como Produção Multiplataforma, este projeto construiu uma narrativa na qual pode-se experimentar as convergências desses diversos meios e os seus conhecimentos. A inovação se deu a partir da proposta de realizar esta narrativa jornalística transmídia e de encarar a prática jornalística constante dessas três linguagens para produzir um produto experimental.

Quando decidimos por retratar o jornalismo cultural em uma narrativa transmídia dispúnhamos de dois principais materiais que refletiam sobre a prática jornalística nessa área. Piza (2008) e Ballerini (2015) foram grandes bases para a produção deste projeto experimental, pois suas obras continham questões sobre o jornalismo cultural que puderam ser exploradas diante dos próprios jornalistas aqui na região sul do país. Assim, o processo de produção deste projeto foi uma relação mútua entre a teoria e a prática até o momento em que levamos essas questões para os profissionais e posteriormente para o público.

Além disso, essa relação também ocorreu ao utilizar os conhecimentos aprendidos nas disciplinas de Conjuntura Contemporânea e de Comunicação e Cultura. É de extrema relevância que essas relações sejam feitas na graduação pois refletir sobre as práticas e produções do jornalismo cultural na cultura da convergência deu à graduanda um olhar mais crítico diante da profissão e da sociedade. Essa característica transdisciplinar na prática contribui para a formação de profissionais e cidadãos socialmente relevantes que sejam criativos, críticos e empreendedores e ainda sejam engajados na produção científica, cultural e educativa, fazendo com que o papel da universidade de contribuir para a solução de problemas sociais – no caso deste projeto de refletir sobre um problema na profissão de jornalista – seja efetivamente cumprido (MELLO, FILHO, RIBEIRO, 2009).

A prática jornalística proporcionada pela produção trouxe as entrevistas como experiência essencial para a realizadora do projeto. Passar por situações corriqueiras do jornalismo como a procura e o contato com as fontes contribui para a formação do estudante de jornalismo que aprende com as diferentes situações que surgem durante a produção de uma reportagem. A ausência de resposta dos entrevistados, contatos por email e outros meios mais diretos contribuíram na construção de um hábito de insistência, coragem e compromisso na apuração jornalística.

Alguns percalços da produção como a demora de confirmação das fontes, a preocupação com a realização de imagens de apoio e até mesmo problemas técnicos com o software de edição foram necessários para que se aprenda o imprevisto no jornalismo. Nem sempre estaremos diante de situações favoráveis para a produção e por isso é importante aprender com os erros como se atua

jornalisticamente diante dos obstáculos para que a informação seja divulgada da maneira mais clara, objetiva, adequada, compreensível e com qualidade possível. Essa visão só pode ser entendida quando nos colocamos no lugar do telespectador, do leitor e do ouvinte para podermos trabalhar com as informações obtidas mesmo que às vezes os produtos não tenham saído como esperado.

Outro fator importante para a formação jornalística é a visão crítica sobre o seu entrevistado. Fala-se muito de como o jornalista deve duvidar de tudo o que lhe é dito, mas na prática desenvolver essa habilidade exige disciplina e experiência. É muito comum quando o entrevistado fala o que se espera e assim o jornalista sai satisfeito do trabalho. Isso aconteceu em entrevistas como a feita com Rafael Gloria e do Luiz Gonzaga Lopes. Porém, é difícil esconder o fascínio ou a decepção diante do inesperado, principalmente quando a fonte confirma situações que são inadequadas para o jornalismo e o público, como ocorreu na entrevista com a jornalista Cláudia Laitano quando falou-se sobre a prioridade do jornalismo online para pautas que são voltadas para a quantidade de audiência. Esse olhar crítico foi treinado na produção dos artigos de opinião da plataforma *Medium*, quando a realizadora se coloca no projeto relatando suas reflexões e visões sobre as falas dos entrevistados.

Quanto à prática e realização dos produtos propriamente ditos, considerações devem ser feitas sobre a importância das referências em projetos experimentais. Na produção da websérie foi importante a pesquisa por referências audiovisuais e exemplos que possam dar base para a montagem dos episódios. Muito além da pesquisa bibliográfica, produtos relativamente novos como os podcasts e a websérie, que surgiram a partir de combinações de outros formatos já existentes, exigem que o estudante esteja sempre atento sobre o que têm se produzido na área para que possa ter noção de qual formato é melhor para informar o público. Isso, combinado com o olhar crítico, também contribui para a formação técnica do produtor que começa a combinar e misturar várias referências até criar o seu próprio estilo. Como ocorreu no projeto “Leitmotiv: olhares sobre o jornalismo cultural”, com a preferência por mistura de trilhas clássicas, modos de fala e edição, recortes e características que se tornam singularidades do projeto e que ajudam a identificar os produtos.

As referências, inclusive, são uma maneira de estar por dentro do que acontece no jornalismo cultural. Por exemplo, como aconteceu na produção do segundo texto do *Medium* “Com qual jornalismo cultural você se identifica?” no qual tratou-se da polêmica do escritor Ronaldo

Bressane e os *booktubers* que aconteceu durante a produção deste projeto. Estar atento a todos os veículos e notícias que envolvem o seu objeto de estudo é preciso para que nenhuma informação essencial se perca ou seja repetida na narrativa.

Pensar e elaborar as pautas para três plataformas diferentes foi uma experiência desafiadora e ao mesmo tempo proveitosa tanto para os produtos quanto para a formação de jornalista da produtora. Da mesma maneira que estamos acostumados a planejar conteúdos para uma plataforma específica, pensar temas e pautas para três plataformas também depende da experiência que se tem com cada uma delas. Assim alguns percalços surgiram na publicação dos produtos como, por exemplo, na produção dos podcasts percebeu-se que a estratégia de publicar a discussão feita com as jornalistas primeiro e o guia por último não foi muito efetiva. O produto mais longo exige que o ouvinte pare e escute a discussão que tem 1 hora e sete minutos, nota-se que nem sempre o público tem esse tempo e isso pode ser um obstáculo para que este se envolva na narrativa. Uma possível estratégia poderia ter sido publicar o segundo podcast “Guia de Jornalismo Cultural” primeiro.

Com erros e acertos, produzir uma narrativa transmídia é um trabalho de entender as especificidades de cada meio, respeitando seus modos de produção e singularidades sem prejudicar a oportunidade de experimentar. É também planejar os conteúdos sem que estes se repitam e que ainda sejam interessantes para um público que pode conferir apenas um deles ou todos. E em qualquer experiência transmídia é necessário que estes conteúdos se complementem e sejam independentes ao mesmo tempo. Tudo isso exigiu da executora combinar habilidades e conhecimentos que foram adquiridos ao longo de quatro anos de graduação de jornalismo.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Participaram deste projeto sete jornalistas da área de cultura no Rio Grande do Sul e dois do Paraná e, como esperado, suas opiniões e autocríticas sobre o próprio trabalho em certos momentos se convergem e em outros divergem. Percebemos essas diferenças principalmente quando consideramos o tempo e o local de trabalho de cada profissional. Jornalistas das mídias de referência como Cláudia Laitano e Luiz Gonzaga Lopes apresentam a visão daqueles que trabalham em grandes empresas, GaúchaZH e Correio do Povo, e que precisam dar “a vendidinha para o sistema”, como Luiz conta. Para eles a divisão é clara: o que vai para o impresso são conteúdos mais densos sobre a arte; para o online são temas efêmeros que visam cliques no site. O impresso considera o número de assinantes e um público que quer um guia cultural, como explicou Rogério

Pereira do Jornal Rascunho. Enquanto isso, o online, explica Luiz, depende do número de acessos para dar lucro a empresa.

Daniel Piza (2008) foi insistente nesse assunto quando há dez anos escreveu o quanto o jornalismo cultural se baseava nas agendas culturais e releases. Cláudia Laitano deixou claro e confirmou a suspeita sobre o motivo desse fato na entrevista: crise nas redações após a internet. A jornalista conta sobre a mudança no contexto dessa editoria com a internet e o enxugamento das redações, como ocorreu com a GaúchaZH. O profissional polivalente, como explica Salaverría e Negrodo (2008), com a cultura da convergência e a produção multiplataforma é o que restou para as redações de jornalismo. Mais tarefas para poucos jornalistas. O que resulta nesse enfoque preferencial sobre a agenda, como já dizia Piza em 2008. Aliás, não podemos esquecer da preferência por filmes de Hollywood em detrimento dos filmes nacionais, como se o cinema mais visto deve ser o mais coberto, e assim se justifica vários outros tipos de coberturas (BALLERINI, 2015). De modo algum noticiar sobre a agenda cultural é ruim, na verdade todos os jornalistas ressaltaram a sua importância. O problema de se priorizar apenas esse tipo de conteúdo é que perde-se o espaço para assuntos que poderiam ter mais aprofundamento e a imprensa acaba por não dar oportunidades aos filmes independentes, novos escritores, artistas iniciantes de mostrarem o seu trabalho.

Entretanto, isso não tira a capacidade de autocrítica do jornalista diante de seu trabalho. Luiz Gonzaga Lopes ponderou sobre as demandas do jornalismo cultural. Segundo o jornalista, as demandas sobre patrimônio histórico, sobre produção cultural mais aprofundada não existe e que tem de partir dos próprios profissionais de criarem essa demanda. O crítico de cinema Roger Lerina também considerou esse fator e ainda revelou uma de suas estratégias para que o público tivesse interesse nessas pautas. Quando trabalhava no jornal impresso Zero Hora, Lerina costumava pôr em sua coluna notícias de celebridades próximas a reportagens aprofundadas sobre arte. Assim, ele acreditava que o leitor pudesse “escorregar o olho” e acabar se interessando no conteúdo e assim aos poucos criava essas demandas. Diferente de quando trabalhava no jornalismo de referência, Roger não precisa mais fazer essa estratégia visto que trabalha em diferentes veículos alternativos e possui mais liberdade para sugerir pautas.

Outra característica da editoria de cultura no jornalismo de referência é a sua desvalorização diante dos outros assuntos. Suelen Soares e Marilice Daronco falam sobre isso no podcast “Jornalismo cultural: cultura ou glamour?”, assim como Luiz Gonzaga também comenta na



entrevista usando a expressão “patinho feio”. O argumento é que dificilmente as pautas do jornalismo cultural se tornam capas nos jornais impressos e que há sempre uma luta entre as redações para que se criem pautas mais aprofundadas que fujam do entretenimento. Em geral, a editoria de cultura é sempre deixada de lado.

O fato de Lerina ter passado pelos dois campos demonstrou na entrevista a sua opinião sobre a presença do jornalismo cultural perante a *Cauda Longa* (ANDERSON, 2006), conhecida como o mercado de nichos. Para ele, a cultura e a arte estão em constante convergência e o mercado de nichos diminui esses cruzamentos que são essenciais para o jornalismo cultural. Roger dá um exemplo de sites de cinema e falam apenas dessa área sem contar as outras artes que podem se relacionar com o assunto. Para Roger, tratar sobre esses ligamentos é rico para a editoria e em um jornalismo cada vez mais segmentado, essas relações se perdem.

Um outro fator da cultura de nichos, citado pelo jornalista Rafael Gloria é a produção dos fãs sobre seus ídolos. Segundo Gloria, o contexto atual do jornalismo cultural tem ganhado progressivamente a presença dos fãs na produção de conteúdo se assemelhando ao jornalismo e confundindo o público que não sabe reconhecer o que é uma reportagem feita por um jornalista ou um amador. Ademais, a subjetividade diante de um assunto ainda é um fator a ser considerado sobre os consumidores-produtores. Como um fã poderá escrever sobre seu ídolo sem colocar sua paixão no conteúdo? Rafael ainda diz que apesar do jornalista ter sua subjetividade, nessa questão ele ainda é relevante para o público. Diferente de Rafael, o jornalista e *booktuber* Yuri Al’Hanati acredita que o jornalismo cultural no seu papel de mostrar o público a arte e a cultura e contribuir na cidadania de uma sociedade, ele perde para os veículos de nicho. Yuri utiliza como exemplo o assunto de jogos que é mais tratado em veículos de nicho do que no jornalismo de referência ou alternativo.

Esse assunto se relaciona com o tema sobre *booktubers*, jornalismo cultural e a identificação do público com o comunicador. Rogério Pereira ressaltou na entrevista os diferentes tipos de leitores da área de cultura. De acordo com o jornalista, existe leitores interessados na discussão sobre literatura e leitores que desejam apenas conhecer novos livros e leitores. É nesse argumento que há a divisão entre jornalismo cultural feito nos jornais e suplementos literários e as resenhas feitas pelos *booktubers*, que é mais voltado para a consultoria.

Além disso, durante a produção deste projeto ficou claro o desaparecimento do papel do crítico nos jornais sendo substituído pelos *booktubers* e *youtubers* de cinema. Para Rafael Gloria,

o jornalista está perdendo o espaço de criticar sobre o que é bom ou ruim, e declara que nunca deveria ter sido a função do jornalista. Nas opiniões de Rogério, não há um desaparecimento mas sim uma mudança de gosto entre o tempo de ler, o tempo de ver e o quanto uma pessoa quer se aprofundar em determinado assunto. Há aqueles que se identificam e preferem ver os vídeos no *YouTube* assim como há outros que preferem buscar um tempo para ler uma discussão em um jornal.

No caso de Yuri, que não depende financeiramente do seu canal, ele busca através das resenhas as suas impressões sobre o que lê e como ele mesmo declarou “situar o livro na sociedade”, habilidade que ele disse conseguir pela formação em jornalismo que o ensinou a relacionar a literatura com a sociedade. É disso também que Roger fala quando cita as diferentes relações que temos entre as artes e a cultura em sociedade. Um jornalismo cultural crítico e aprofundado pode contribuir nisso e manter sua presença.

Porém apesar de termos em mente esse papel do jornalista, é preciso encarar que há pouco uso do potencial audiovisual pelo jornalismo. Os *booktubers* acabaram tomando esse lugar da resenha que já foi destaque do jornalismo cultural porque souberam trazer isso para o público pelos vídeos. Ballerini (2015) traz esse ponto ao falar sobre a cobertura cinematográfica feita no jornalismo de referência e nas plataformas on-line. Segundo o autor, os jornalistas culturais ainda não utilizam de todo o potencial audiovisual da internet, pois, diferente do impresso, em uma reportagem na web pode-se usar trechos de filmes para ilustrar algum ponto da crítica, por exemplo (BALLERINI, 2015).

Yuri reflete ainda sobre a presença do jornalista nessas plataformas. Segundo ele, o jornalismo deve estar nas plataformas nas quais o público se encontra e fugir disso é não cumprir sua função como jornalista. Mas como estar nas plataformas que o público está quando este está em constante mudança? E como fazer isso com uma equipe pequena e redações cada vez menores? Como Ballerini (2015) explica citando os autores venezuelanos Jaime Leon, Ana Gondelles e Maria Quiário (1996), o jornalismo cultural contemporâneo não consegue visualizar seu público e, portanto fica reportando informações para todos os tipos de receptores possíveis. Isso é preocupante pois o jornalismo cultural possui mais funções do que simplesmente informar sobre as diversas manifestações culturais, o jornalismo em seu caráter investigativo pode muito bem apurar questões e problemas da indústria cultural, das grandes produtoras audiovisuais e encarar problemas que

podem ser resolvidos e contribuir para a melhora da produção cultural (BALLERINI, 2015 apud STRECKER, 1989).

Todos esses aspectos apresentados pelas fontes foram trabalhados na narrativa transmídia nas três plataformas: *Medium*, *SoundCloud* e *YouTube* aproveitando o que cada uma delas poderia oferecer. Trazer um assunto que discute os desafios do jornalismo cultural com os próprios jornalistas dentro de uma narrativa inovadora é um trabalho de dois campos. O primeiro é trazer todas as reflexões que envolvem uma área como a editoria de cultura sendo fiel às opiniões dos personagens que vivem diariamente este contexto. Segundo, é usar uma narrativa que é dada como uma possível solução aos obstáculos causados pela fragmentação da utilização dos meios de comunicação na cultura da convergência.

De acordo com Scolari (2014), com a chegada da World Wide Web (WWW) as formas de nos comunicarmos e interagirmos foi atomizada e modificou o consumo dos veículos de comunicação, potencializando a participação das audiências. E isso não é apenas um processo cultural, mas também impactou no modelo de negócio da comunicação que não tem mais aquele grande público que tinham esses meios como única fonte de informação. Essa fragmentação é retratada em todos os depoimentos dos jornalistas, alguns observam com dúvida outros são entusiastas e tem aqueles que acham que um complementa o outro. O importante é que isso é um fato visto pelos jornalistas e que de alguma forma os afeta.

O problema central diante desses jornalistas e do contexto da cultura da convergência, do mercado de nichos e da narrativa transmídia é que com essa fragmentação do público, das plataformas e a quantidade de ferramentas disponíveis, o jornalista acaba por usar lógicas tradicionais em ferramentas digitais, o que nem sempre funciona (LUCHESSI, 2015). Esse fato é marcante na fala da jornalista Cláudia Laitano que acredita que a produção jornalística não foi modificada após o surgimento da internet e que apenas apareceram mais plataformas. Segundo Luchessi (2015), a legibilidade, a velocidade de informações e simplicidade requerem que sejam utilizadas o potencial total de todas as plataformas. Nesse cenário, as audiências se separam de acordo com seus interesses e ditam aos jornalistas como ele deve organizar suas tarefas para não perder o público. Isso resulta na qualidade dos conteúdos fornecidos que focam na busca de curiosidades na internet para responder a demanda do público (LUCHESSI, 2015). Essa reflexão apareceu no primeiro texto do *Medium* sobre “Como você consome jornalismo cultural?” que retrata a relação mútua entre o consumo e produção dessa editoria.

Scolari (2014) explica que nunca mais voltaremos aquele contexto de audiências que olhavam a apenas a televisão, no qual o jornalismo de referência era o detentor da informação e o jornalista o *gatekeeper*. Porém, as narrativas transmídia vieram como uma possível solução para que esse público possa ser agrupado de acordo com seus interesses e que a indústria de comunicação unindo diferentes meios, públicos diversos em uma narrativa (SCOLARI, 2014).

Quanto aos objetivos do projeto, produzir uma narrativa transmidiática em jornalismo cultural que refletisse sobre a profissão foi desafiador. Este trabalho viabilizou um panorama sobre a área de jornalismo cultural de literatura e cinema no Rio Grande do Sul. Percebe-se uma predominância de iniciativas nas cidades de Santa Maria e Porto Alegre mesmo que ainda poucas. É importante ressaltar o fato de que em São Borja e região não foi possível localizar nenhuma iniciativa de narrativas multiplataforma de jornalismo cultural além daquelas tradicionais dos veículos de comunicação de referência. Mesmo assim, o projeto realizou uma narrativa transmídia para produções de não-ficção, uma área que ainda está no início de seus estudos e produções.

Com a experiência relatada pelos profissionais nas entrevistas, percebeu-se que a definição sobre o que é jornalismo cultural e qual a sua função na sociedade depende de cada olhar profissional, do veículo em que ele se insere e de como o público consome. Mas a cultura é intrínseca ao ser humano e uma definição feita por Morin (2001), citado por Ballerini (2015), explica o papel do jornalismo cultural diante da comunidade. Para ele, essa editoria deve deixar claro e acessível que toda a manifestação artística há uma relação profunda sobre a condição humana (BALLERINI, 2015 apud MORIN, 2001). Assim, o cenário apresentado neste projeto mostra que o jornalismo cultural precisa rever todo o seu papel na sociedade e o que ele tem repercutido para o público. Situações como o incêndio no Museu Nacional, em setembro de 2018, representa a pouca valorização da cultura no Brasil e de como o jornalismo cultural está pautando esses assuntos ou não está de forma alguma.

Daniel Piza faleceu em 2011 acreditando que o jornalismo cultural recuperaria um dia a qualidade perdida e a relevância na formação das pessoas (PIZA, 2008). Não é uma questão de voltar a um contexto anterior no qual os jornais eram a única fonte de informação e sim de recuperar a importância do jornalismo cultural nessa reflexão sobre a relevância da cultura em uma sociedade. O cenário da cultura da convergência não é um obstáculo, ele aumenta a capacidade de produção em múltiplas plataformas e permite que cada consumidor escolha o suporte que mais lhe interessa. O jornalismo nesse contexto com práticas tradicionais, como explica Luchessi (2015),

não dá conta da produção e se perde. A produtora desse trabalho acredita no jornalismo e na capacidade dos jornalistas de não se conformarem apenas com pautas de agenda. Assim, espera-se que de algum modo esse trabalho, com todos os seus questionamentos e reflexões, contribua para a formação de jornalistas que além de profissionais da informação sejam também cidadãos críticos e socialmente relevantes para o público que influenciam, informam e comunicam.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa: Do mercado de massa para o mercado de nicho**. 1. ed. Brasil: Elsevier/Alta Books, 2006. 256 p. v. 1.

ASSIS, Francisco. **Jornalismo Cultural Brasileiro: aspectos e tendências**. Rev. Estud. Comun. Curitiba, v. 9, n. 20, p. 183-192, set. 2008. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/comunicacao?dd99=pdf&dd1=2633>>. Acesso em: 25 out. 2017.

BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo Cultural no século 21: Literatura, artes visuais, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática**. São Paulo: Sumus, 2015.

BARBOSA, S. Convergência jornalística em curso: as iniciativas para integração de redações no Brasil. In: RODRIGUES, C. **Jornalismo ON-LINE: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009.

BELOCHIO, Vivian. **A cauda longa de informação e suas implicações no jornalismo: estratégias comunicacionais, mediação e des-reterritorialização**. Contemporânea, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 1-27, jun. 2009. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneapocom/article/view/3608/2676>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

\_\_\_\_\_, BARICHELLO, Eugenia; ARRUDA, Tanise. **Aplicativos autóctones em franquias jornalísticas: estratégias e transformações a partir da convergência com meios digitais**. In: 14º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14., 2016. Unisul. SBPJor -Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.Palhoça: SBPJor, 2016. p. 1-16. v. s.v. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/9/115>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

BRASLAUSKAS, L.; FLORESTA, C. **Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração**. São Paula: Saraiva, 2009.

FLORES, A.M.M. **Inovação no jornalismo: uma proposta estratégica a partir dos Estudos de Tendências**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40. 2017, Curitiba - PR. ... [S.l.: s.n.], 2017. 1-16 p. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2556-1.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2018.

GERBASE, Carlos. **Primeiro Filme** : descobrindo, fazendo, pensando. 1. ed. [S.l.]: Artes e Ofícios, 2012. 277 p. v. 1. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/olivro/introducao/>>. Acesso em: 24 set. 2018.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JEFFMAN, T. M.W. **BOOKTUBERS: performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade booktuber**. 2017 393 f.: il, 30 cm. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Ciência da Comunicação, 2017.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

LOVATO, Anahí. Del periodismo multimídia al periodismo transmídia: Guiones para pensar nuevas narrativas. In: LOVATO, Anahí; IRIGARAY, Fernando (Org.). **Producciones transmedia de no ficción. Análisis, experiencias y tecnologías**. 1a. ed. Rosario: UNR Editora. Editorial de La Universidad Nacional de Rosario, 2015. Cap. 3, p. 33-51. Disponível em: <<http://catedrtransmedia.com.ar/2016/03/03/producciones-transmedia-de-no-ficcion-analisis-experiencias-y-tecnologias/>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

LUCHESSI, L. Nuevas rutinas, diferente calidad. In: LOVATO, Anahí; IRIGARAY, Fernando (Org.). **Producciones transmedia de no ficción. Análisis, experiencias y tecnologías**. 1a. ed. Rosario: UNR Editora. Editorial de La Universidad Nacional de Rosario, 2015. Cap. 1, p. 12-24. Disponível em: <<http://catedrtransmedia.com.ar/2016/03/03/producciones-transmedia-de-no-ficcion-analisis-experiencias-y-tecnologias/>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

LUIZ, Lucio; DE ASSIS, Pablo. **O crescimento do podcast: origem e desenvolvimento de uma mídia da cibercultura**. In: III Simpósio Nacional ABCiber 2009. ESPM/SP - Campus Prof. Francisco Gracioso. [S.l.: s.n.], [2009]. p. 1-13. Disponível em: <[https://www.academia.edu/5872782/O\\_crescimento\\_do\\_podcast\\_origem\\_e\\_desenvolvimento\\_d\\_e\\_uma\\_m%C3%ADdia\\_da\\_cibercultura](https://www.academia.edu/5872782/O_crescimento_do_podcast_origem_e_desenvolvimento_d_e_uma_m%C3%ADdia_da_cibercultura)>. Acesso em: 20 out. 2017.

PERUZZO, Cícília. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor**. ECO-Pós. Brasília, v. 12, n. 2, p. 46-61, maio. 2009. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/comunicacao?dd99=pdf&dd1=7240>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

ROVERE, Susana. La narrativa: Elementos de la narrativa. In: **Cuentos argentinos del siglo XX**. 2ª. Ed. Buenos Aires, Argentina: Hueml, 1978. Cap. 1, p. 7-19. v. 1.

SALAVERRÍA, R.; NEGREDO, S. **Periodismo Integrado: Convergencia de medios y reorganización de redacciones**. Editorial Sol90, Barcelona, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SCOLARI, Carlos. **Narrativas transmedia: cuando todos los medios cuentan**. Barcelona: Deusto, 2013.

\_\_\_\_\_. **Narrativas transmedia: nuevas formas de comunicar en la era digital**. Anuarial AC/E de Cultura Digital, [S.l.], v. 1, p. 71-81, jan. 2014. Disponível em: <[https://www.accioncultural.es/es/publicacion\\_digital\\_anuario\\_ac\\_e\\_cultura\\_digital\\_focus\\_2014](https://www.accioncultural.es/es/publicacion_digital_anuario_ac_e_cultura_digital_focus_2014)>. Acesso em: 24 set. 2018.

SILVA, Bento; TEIXEIRA, Marcelo Mendonça. **Rádio Web & Podcast: Conceitos E Aplicações No Ciberespaço Educativo**. Actas Icono 14, Madrid, Espanha, v. 14, n. 4, p. 253-261, mar. 2010. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13649>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SOUZA, José Jullian; CAJAZEIRA, Paulo Eduardo. **Mas final, o que é uma websérie documental?** In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38. 2015, Rio de Janeiro. Intercom... [S.l.: s.n.], 2015. p. 1-15. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1215-1.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2017.

ZAMIN, Angela. **Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/16716>> Acesso em: 05 mai. 2018.

**APÊNDICE A** – Roteiro do Podcast “Jornalismo Cultural: Cultura ou Glamour?”

<b>Locutor:</b> Larissa Burchard	<b>Data:</b> 22/09/2018
<b>Técnico:</b> Edson Kah	<b>Tempo:</b> 45 minutos
<b>Pauta:</b> Jornalismo Cultural: Cultura ou Glamour?	
<b>TÉCNICA</b>	<b>LOCUÇÃO</b>
[VINHETA]  SOBE BG DESCE BG CONTINUA BAIXO	[LEITMOTIV: OLHARES SOBRE O JORNALISMO CULTURAL]  [LOCUTOR] OLÁ SEJA BEM-VINDO AO PRIMEIRO PODCAST DO PROJETO EXPERIMENTAL LEITMOTIV: OLHARES SOBRE O JORNALISMO CULTURAL/ MEU NOME É LARISSA BURCHARD, SOU ESTUDANTE DE JORNALISMO DA UNIPAMPA/ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA/ CAMPUS SÃO BORJA/ ESTE PROJETO É O MEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO//  O PODCAST QUE VOCÊ ESTÁ OUVINDO FAZ PARTE DE UMA NARRATIVA MULTIPLATAFORMA QUE COMPREENDE UMA WEBSÉRIE NO YOUTUBE E MATÉRIAS NO MEDIUM/ OS LINKS VOCÊ CONFERE NA DESCRIÇÃO NO SOUNDCLOUD//
[VINHETA]  SOBE BG	[PAUSA]  [PAUTA LEITMOTIV: QUAL O SEU OLHAR SOBRE JORNALISMO CULTURAL]



**[LOCUTOR]**

A PAUTA DESSE PODCAST É JORNALISMO CULTURAL: CULTURA OU GLAMOUR? AS CONVIDADAS PARA ESSE DEBATE SÃO TAMARA FINARDI, JORNALISTA DA RÁDIO ARMAZÉM QUE NOS DISPONIBILIZOU O ESTÚDIO/ JÁ APROVEITO PARA AGRADECER O EDSON KAH PELO APOIO TÉCNICO/ OI TAMARA

**(APRESENTAÇÃO TAMARA)**

A JORNALISTA E REPÓRTER DA EDITORIA DE CULTURA DO DIÁRIO DE SANTA MARIA SUELEN DA SILVA/ TUDO BEM SUÉLEN?

**(APRESENTAÇÃO SUELEN)**

E A JORNALISTA MARILICE DARONCO QUE TEM 13 ANOS DE EXPERIÊNCIA EM JORNALISMO, ESPECIALIZAÇÃO EM CINEMA E É DOUTORANDO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UFSM/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA//

**(APRESENTAÇÃO MARILICE)****[LOCUTOR]**

A INTENÇÃO DESSE PODCAST É TRAZER ESSA DISCUSSÃO SOBRE O JORNALISMO CULTURAL E SUAS COBERTURAS DIÁRIAS/ NÓS TEMOS AQUELA FAMOSA NOTÍCIA DO PORTAL TERRA, “CAETANO VELOSO ESTACIONA CARRO NO LEBLON NESTA QUINTA-FEIRA”, ESTE EPISÓDIO FEZ EM MARÇO DE DOIS MIL E DEZOITO SETE ANOS /ESSA MANCHETE É UM EXEMPLO DO QUE NOS FEZ PENSAR SOBRE ESSE DEBATE: (?) O QUE AS EDITORIAS DE CULTURA TÊM PUBLICADO E NO QUE ISSO CONTRIBUI PARA A POPULAÇÃO? //

PARA INICIAR ESSA DISCUSSÃO VOU PERGUNTAR

<p>PAUSA BG</p> <p>[ÁUDIO “LUIZ GONZAGA” COMEÇA 4min4seg TERMINA 4MIN43SEG]</p> <p>CONTINUA BG BAIXO</p>	<p>PARA AS DUAS: COMO VOCÊS ENXERGAM O JORNALISMO CULTURAL HOJE? ACREDITAM NESSA DIVERGÊNCIA ENTRE CULTURA E GLAMOUR?</p> <p><b>[DISCUSSÃO]</b></p> <p><b>[LOCUTOR]</b> RECENTEMENTE TIVEMOS O INCÊNDIO NO MUSEU NACIONAL QUE ACONTECEU NO DIA 2 DE SETEMBRO/ ALÉM DELE TAMBÉM OUTROS PATRIMONIOS HISTÓRICOS FORAM DESTRUÍDOS POR INCÊNDIOS COMO O MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA EM 2015 E O MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA EM 2013/ O JORNALISMO EM SI TEM UMA FUNÇÃO DE SERVIÇO COM A POPULAÇÃO E DE PÔR PRESSÃO SOBRE QUESTÕES IMPORTANTES PARA A SOCIEDADE COMO PATRIMONIOS HISTÓRICOS/</p> <p>EM JULHO EU ENTREVISTEI O EDITOR DE CULTURA DO CORREIO DO POVO LUIZ GONZAGA LOPES E ELE COMENTOU SOBRE ESSE TEMA/ VOU MOSTRAR PARA VOCÊS UM PEDAÇO DA ENTREVISTA//</p> <p><b>[SONORA]</b> PARA QUESTÕES LIGADAS AO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NÃO EXISTE DEMANDA, A DEMANDA É NOSSA. A GENTE CRIA ESSAS DEMANDAS E FICA ATENTO A ESSAS QUESTÕES RELEVANTES QUE NÃO SÃO AGENDAS, NÃO É UM ROGER WATERS, UM SHOW E SIM UM CASARÃO QUE PRECISA DE REPARO, EDITAIS, FOMENTO, LEIS DE INCENTIVO. ACHO QUE PRECISAMOS TRABALHAR MUITO, DE NOVO, ESSAS QUESTÕES PROPOSITIVAS. NÃO ESTAMOS FAZENDO//</p> <p><b>[LOCUTOR]</b> PARA VOCÊS QUAL A FUNÇÃO DO JORNALISMO CULTURAL? ELA ESTÁ SENDO CUMPRIDA?</p>
--	--

**[DISCUSSÃO]**

**[LOCUTOR]**

FAZENDO UMA COMPARAÇÃO QUE EU TIRO DO LIVRO DO JORNALISTA FRANTHIESCO BALLERINI/ JORNALISMO CULTURAL NO SÉCULO 21/ NO QUAL ELE CITA TRÊS AUTORES QUE COMPARAM O JORNALISMO CULTURAL COM O DE ESPORTE/ POR EXEMPLO, SE O CADERNO DE ESPORTE SE LIMITASSE A NOTICIAR APENAS AS TABELAS, RESULTADOS E PRINCIPAIS PARTIDAS/ ELE IRIA SER CONSIDERADO FALHO POIS NÃO ESTARIA INVESTIGANDO INFORMAÇÕES RELATIVAS ÀS POLÍTICAS ESPORTIVAS, LEIS, ESQUEMAS DE JOGOS ENTRE OUTROS/

MAS NO JORNALISMO CULTURAL ISSO É NORMAL/ AFINAL, PELO O QUE O JORNALISMO CULTURAL É PAUTADO? PELA AGENDA?

**[DISCUSSÃO]**

**[LOCUTOR]**

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES PARA OS JORNALISTAS DESSA ÁREA?

**[DISCUSSÃO]**

**[LOCUTOR]**

PENSANDO NA RELAÇÃO COM AS PAUTAS QUE PRIORIZAM A AGENDA, BEST-SELLERS, SHOWS, BLOCKBUSTERS/ NÓS TEMOS TAMBÉM AQUELES VEÍCULOS EXTRAMENTE CULTUADOS E ELITIZADOS/ MUITAS PESSOAS AINDA PERCEBEM ESSE JORNALISMO CULTURAL COMO ALGO PARA PESSOAS INTELIGENTES E PRIVILEGIADAS. / ESSA HERANÇA DA IDEIA DE ALTA E BAIXA CULTURA AINDA INFLUENCIA O JORNALISMO CULTURAL? SE SIM, POR QUÊ? E COMO ISSO SE EXPRESSA?

**[DISCUSSÃO]**

O QUE VOCÊ ACREDITA QUE O PÚBLICO BUSCA? QUAL TIPO DE CONTEÚDO?

<p>SOBE BG DESCE BG CONTINUA BAIXO</p>	<p><b>[DISCUSSÃO]</b></p> <p><b>[PAUSA]</b></p> <p><b>[LOCUTOR]</b> E EM TODA ESSA DISCUSSÃO NÓS TEMOS INICIATIVAS NA ÁREA QUE SÃO OS YOUTUBERS/ ALGUNS DELES SÃO JORNALISTAS QUE FORAM PARA A PLATAFORMA COMO A ISABELA LUBRANO, JORNALISTA E BOOKTUBER, DO CANAL LER ANTES DE MORRER E O YURI AL'HANATI JORNALISTA E BOOKTUBER, DO CANAL LIVRADA/ COM O SURGIMENTO DOS YOUTUBERS O JORNALISTA PERDE ESPAÇO COM AS NOVAS GERAÇÕES? SE SIM, SERIA PELO CONTEÚDO OU PELO FORMATO?</p> <p><b>[DISCUSSÃO]</b></p> <p><b>[LOCUTOR]</b> BOM PARA FINALIZAR, COMO ESTAMOS FALANDO DE TODOS OS OBSTÁCULOS E ASPECTOS DO JORNALISMO CULTURAL/ NÓS NÃO PODEMOS TRAZER APENAS PROBLEMAS E NÃO CONSIDERAR AS INICIATIVAS QUE ESTÃO PRODUZINDO POR AÍ/ VOU PEDIR QUE VOCÊS DÊEM SUAS DICAS SEJA DE FILME, SITE, REVISTA QUE SEJAM DIFERENCIADAS NA ÁREA DE CULTURA//</p> <p><b>[INDICAÇÃO DAS JORNALISTAS]</b></p> <p><b>[LOCUTOR]</b> ESTAMOS FINALIZANDO O PODCAST/ GOSTARIA DE AGRADECER A PARTICIPAÇÃO DA SUELEN, DA TAMARA E DA PROFESSORA MARILICE / AGRADECER TAMBÉM O EDSON E A RÁDIO ARMAZÉM POR ESSE ESPAÇO/ TIVEMOS UM DEBATE MUITO RICO E EU ESPERO QUE VOCÊ QUE ESTÁ ESCUTANDO E ACOMPANHOU AS REFLEXÕES TAMBÉM TENHA GOSTADO/ CURTA/ COMPARTILHE/ DEIXE SEU COMENTÁRIO E NÃO ESQUEÇA DE VISITAR AS OUTRAS PRODUÇÕES NO</p>
--	--

<p>BAIXA BG LENTAMENTE [VINHETA]</p>	<p>YOUTUBE E NO MEDIUM// MUITO OBRIGADA E ATÉ A PRÓXIMA//</p> <p>[VOCÊ OUVIU UM PODCAST DO PROJETO EXPERIMENTAL LEITMOTIV: OLHARES SOBRE O JORNALISMO CULTURA/ CONFIRA OS OUTROS PRODUTOS NO CANAL DO YOUTUBE E O PERFIL DO PROJETO NO MEDIUM]</p> <p>Ficha técnica PODCAST LEITMOTIV: OLHARES SOBRE O JORNALISMO CULTURAL PRODUÇÃO LOCUÇÃO EDIÇÃO LARISSA BURCHARD TÉCNICA EDSON KAH E JOÃO BATISTA CORREIA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO ORIENTAÇÃO SARA ALVES FEITOSA COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO MARCO BONITO DIRETOR DO CAMPUS SÃO BORJA RONALDO COLVERO REITOR MARCO ANTONIO FONTOURA HANSEN 2018/02 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA</p>
--	--